

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LÍVIA ANTUNES FURTADO

**A ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DE SÃO LUÍS NO “ÁLBUM DO
MARANHÃO DE 1950” E AS TRANSFORMAÇÕES EM 2020**

São Luís
2020

LÍVIA ANTUNES FURTADO

**ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DE SÃO LUÍS NO “ÁLBUM DO MARANHÃO
DE 1950” E AS TRANSFORMAÇÕES EM 2020**

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Grete Soares Pflueger

São Luís
2020

Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA

F992a

FURTADO, Livia Antunes.

Análise da paisagem urbana de São Luís no “álbum do Maranhão de 1950” e as transformações em 2020. / Livia Antunes Furtado. – São Luís, 2020.

101 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Grete Soares Pflueger.

1. Paisagem urbana. 2. São Luís. 3. Fotografia. 4. Miécio Jorge. 5. Álbum do Maranhão de 1950. I. Título.

CDU: 712.2:77.03”1950-2020”(812.1)

LÍVIA ANTUNES FURTADO

**ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DE SÃO LUÍS NO "ÁLBUM DO MARANHÃO
DE 1950" E AS TRANSFORMAÇÕES EM 2020**

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para obtenção de título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em: 7, 12, 2020

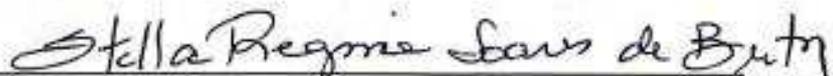
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Grete Soares Pflueger (Orientadora)
Doutora em Urbanismo
Universidade Estadual do Maranhão



Prof.ª Dr.ª Lúcia Moreira do Nascimento (Examinadora)
Mestre em Desenvolvimento Urbano
Universidade Estadual do Maranhão



Prof.ª Ma. Stella Regina Soares de Brito
Mestre em Arquitetura
Universidade Ceuma

A todas as vidas perdidas neste ano de
calamidade mundial.

"In memoriam" a Fernando César Miné e
Nhory Licuanan Orate.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiro de agradecer a meus pais Roberto e Sílvia e minha irmã Laís, que sempre foram meu farol onde não encontrava luz. Ao meu pai agradeço o incentivo e amor à Arquitetura e Urbanismo; à minha mãe a curiosidade de aprender e a busca da formação acadêmica; à minha irmã a inspiração como mulher e o apoio a continuar. Sou eternamente grata a eles.

Às minhas melhores amigas de infância Camila e Rafaella, vocês me ensinaram o que é 'estar por alguém' nos melhores e piores momentos, obrigada pela irmandade; aos meus amigos de escola, Júlia, Mídrea e Oton que também escolheram Arquitetura e Urbanismo como caminho, agradeço por estarem comigo nessa jornada; ao meu grupo fênix, Ana Leticia, Davi, Debora, Geórgia, Hiago, Larissa, Linda, Luísa, Mairla, Matheus, Mariana e Pedro, por sempre estarmos descobrindo o que é sermos amigos; a Clarissa, Enzo e Victor, por me proporcionarem um ombro amigo sempre que precisei. Ao meu namorado Bruno que, com toda sua paciência e amor, me apoiou e me escutou partilhando comigo o momento de trabalho de conclusão.

A todos amigos e amigas que construí na FAU levo cada um de vocês comigo sempre. Às minhas veteranas, em especial, Andrea e Mayara, por me inspirarem; às minhas meninas da FAU em especial Adriana, Lúcia e Verônica por segurarem todas as 'barras' comigo durante esses cinco anos. Agradeço especialmente à minha orientadora Professora-Doutora Grete Pflueger, por me guiar o caminho da academia e me apoiar sempre, sem você nada disso seria possível, obrigada professora. Às minhas professoras Lúcia, pela sabedoria compartilhada; Nádia, pelos conselhos bem dados; Rosilan pela arte e amor ao patrimônio; Marluce por acreditar em mim quando eu ainda era tão inexperiente; e a todas as minhas professoras pelos ensinamentos e pela inspiração como arquiteta. Gratidão a todos.

“[...] a fim de que as gerações presentes tenham um documento para comparação da terra com o seu passado e as gerações futuras disponham de elementos com que comparar o Maranhão de sua época como Maranhão do presente.”

Miécio Jorge

RESUMO

O presente trabalho de conclusão parte de um recorte do Álbum do Maranhão de 1950 idealizado por Miécio Jorge. Busca-se, 70 anos após o lançamento do álbum, comparar fotos da paisagem urbana de 1950 com 2020. A comparação dessas imagens tem como objetivo analisar quais foram as maiores mudanças e quais os impactos dessas mudanças sobre a cidade. Esse trabalho toma como suporte para análise e categorização das fotografias os pensamentos de Gordon Cullen e, para a análise da malha urbana os conceitos de Kevin Lynch. Além disso, como referencial filosófico busca-se os pensamentos de Ítalo Calvino sobre cidade e Walter Benjamin sobre a fotografia. O recorte do trabalho em questão se restringe as imagens constantes no álbum de 1950. Por fim, o trabalho busca valorizar a fotografia como fonte documental da arquitetura e do urbanismo e analisar de forma comparativa as fotografias da cidade de São Luís em 1950 e 2020.

Palavras-chave: Paisagem urbana. São Luís. Fotografia. Miécio Jorge. Álbum do Maranhão de 1950.

ABSTRACT

The present work is part of an excerpt from the *Álbum do Maranhão de 1950* by Miécio Jorge. It aims, 70 years after the album's release, to compare pictures of the urban landscape from 1950 to 2020. The comparison of these images aims to analyze what were the biggest changes and what are the impacts of these changes on the city. This work takes Gordon Cullen's thoughts for analysis and categorization of the photographs and Kevin Lynch's concepts for the analysis of the urban grid. In addition, as a philosophical reference, Italo Calvino's thoughts on the city and Walter Benjamin on photography are sought. The approach of this work is limited by the photographs of the album of 1950. Lastly, the work tries to value the photography as a documental source of architecture and urbanism and seeks analyse as a comparative way the photographs of 1950 and 2020.

Keywords: Urban Landscape. São Luís. Photograph. Miécio Jorge. Álbum do Maranhão de 1950.

LISTA DE SIGLAS

24º BIS	24º Batalhão de Infantaria de Selva
24ºBC	24º Batalhão de Caçadores
ACM	Associação Comercial do Maranhão
BEM	Banco Estadual do Maranhão
FAPEMA	Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
IPEM	Instituto de Previdência do Estado do Maranhão
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Natural
PECSL	Plano de Expansão da Cidade de São Luís
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
SETOP	Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Planta da Rua do Egito com indicações dos pontos de vista.....	19
Figura 2	- Ponto 1 da visão da Rua do Egito	19
Figura 3	- Ponto 2 da visão da Rua do Egito	20
Figura 4	- Ponto 3 da visão da Rua do Egito	20
Figura 5	- Recorte do Jornal do Brasil sobre o título de patrimônio de São Luís....	23
Figura 6	- Planta da cidade de São Luís do Maranhão, provavelmente 1645	24
Figura 7	- Planta da cidade de São Luís do Maranhão, 1950	26
Figura 8	- Capa do Álbum Maranhão Ilustrado	29
Figura 9	- Capa do Álbum do Maranhão de 1908. Photographia União, 1908.	29
Figura 10	- Capa do Álbum do Maranhão de 1908 2º edição. Academia Maranhense de Letras. 2008.....	30
Figura 11	- Capa do Álbum Recordação do Maranhão 1º edição. 1908	31
Figura 12	- Capa do Álbum do Tricentenário	31
Figura 13	- Capa do Álbum do Maranhão – 1923.....	32
Figura 14	- Recorte do jornal A Pacotilha o Globo edição datada de 15 de maio de 1950	34
Figura 15	- Recorte do Jornal A pacotilha – O globo sobre o lançamento do Álbum do Maranhão em 11 de agosto de 1952	36
Figura 16	- Contra capa do Álbum do Maranhão de 1950	37
Figura 17	- Ponte Ferroviária sobre o rio Parnaíba, ligando o Maranhão ao Piauí.....	39
Figura 18	- Dreyfus Azoubel na década de 90 segurando a sua câmera Speed Graphic	40
Figura 19	- Recorte do jornal A pacotilha o Globo edição datada de 22 de maio de 1950	41
Figura 20	- Imagem colorizada do Jornalista Miécio Jorge, 1950	43
Figura 21	- Mapa da Ilha de São Luís, Maranhão na década de 50	46
Figura 22	- Mapa da Ilha de São Luís, Maranhão no ano de 2020	46
Figura 23	- Planta da cidade de São Luís do Maranhão, 1950	47
Figura 24	- Recorte do distrito Centro, 2013.....	48
Figura 25	- Planta da cidade de São Luís delimitando o <i>bairro</i>	49
Figura 26	- Planta da cidade de São Luís delimitando as <i>vias</i>	50

Figura 27 - Avenida Magalhães de Almeida	51
Figura 28 - Rua Oswaldo Cruz	53
Figura 29 - Avenida Getúlio Vargas.....	53
Figura 30 - Mapa do centro de São Luís em 1950 (em preto) e Mapa de 2020 (em bege).....	54
Figura 31 - Mapa da expansão urbana de São Luís de acordo com as décadas de 50 até 2000	55
Figura 32 - Vista da Rua da Estrela feita do Palácio do Comércio	56
Figura 33 - Vista atual da Rua da Estrela feita do Palácio do Comércio.....	56
Figura 34 - Vista atual do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco ...	57
Figura 35 - Vista do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco	58
Figura 36 - Recorte do Jornal do Maranhão sobre a Inauguração da Ponte do São Francisco	59
Figura 37 - Mapa do centro de São Luís em 1950 (em preto) e Mapa de 2020 (em bege) indicando em verde os <i>pontos nodais</i>	60
Figura 38 - Plano de Expansão da cidade de São Luís elaborado por Ruy de Ribeiro Mesquita	61
Figura 39 - Mapa da visão serial do Viaduto Pedro II.....	64
Figura 40 - Ponto 01 do observador. Viaduto Pedro II, 1950.....	65
Figura 41 - Ponto 02 do observador. Palácio dos Leões, 1950	66
Figura 42 - Ponto 03 do observador. Vista de cima do Viaduto Pedro II, 1950.....	67
Figura 43 - Imagem da entrada do viaduto da Avenida Pedro II vista do coreto na Avenida Beira-Mar.....	68
Figura 44 - Fotografia atual da entrada do viaduto da Avenida Pedro II vista do coreto na Avenida Beira-Mar.....	68
Figura 45 - (A) Passarela em cima do viaduto Pedro II; (B) Imagem atual da passarela em cima do viaduto Pedro II	69
Figura 46 - Palácio dos Leões	70
Figura 47 - Fotografia atual do Palácio dos Leões	70
Figura 48 - Mapa da visão serial da praça Benedito Leite e Palácio do Comércio ...	72
Figura 49 - (A) Palácio do Comércio – posição 01 1950; (B) Palácio do Comércio – posição 02, 1950; (C) Praça Benedito Leite – posição 03, 1950; (D) Praça Benedito Leite – posição 04, 1950	73
Figura 50 - Fotografia atual do Palácio do Comércio na posição 01.....	74

Figura 51 - Palácio do Comércio na posição 01	74
Figura 52 - Palácio do Comércio na posição 02	76
Figura 53 - Fotografia atual do Palácio do Comércio na posição 02.....	76
Figura 54 - (A) Brasão da ACM localizado no topo esquerdo da fachada principal do Palácio; (B) Brasão da ACM localizado no topo direito da fachada principal do Palácio	77
Figura 55 - Imagem da vista observada da Avenida Beira-Mar	78
Figura 56 - Fotografia atual da vista observada da Avenida Beira-Mar	79
Figura 57 - Avenida Beira-Mar.....	80
Figura 58 - Fotografia atual da Avenida Beira-Mar	81
Figura 59 - Rua da Montanha Russa.....	82
Figura 60 - Fotografia atual Rua da Montanha Russa	83
Figura 61 - Praça Pedro II	85
Figura 62 - Fotografia atual da praça Pedro II	86
Figura 63 - Fotografia atual do Fórum de Justiça Clóvis Bevilacqua	87
Figura 64 - Fórum de Justiça Clóvis Bevilacqua.....	88
Figura 65 - Imagem aérea do 24 Batalhão de Cavalaria	89
Figura 66 - Fotografia aérea atual do 24 Batalhão de Cavalaria (Atual batalhão de Infantaria).....	91
Figura 67 - (A) Edifício Caiçara; (B) Condomínio Centro comercial de São Luís; (C) Prédio do BEM	95
Figura 68 - Vista atual do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco ...	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONCEITOS E CONTEXTOS	17
2.1	A paisagem urbana de Gordon Cullen e Kevin Lynch	17
2.2	Breve histórico da malha urbana da cidade de São Luís	24
2.3	A fotografia como fonte documental	27
3	ÁLBUM DO MARANHÃO DE 1950	34
3.1	O álbum	34
3.2	O autor	42
4	COMPARAÇÃO ENTRE O MAPA DE SÃO LUÍS DE 1950 COM O DE 2020	45
5	ANALISE DA PAISAGEM URBANA DE SÃO LUÍS A PARTIR DA COMPARAÇÃO DE IMAGENS DE 1950 COM AS DE 2020	63
5.1	Aspecto da visão serial e comparação entre as fotografias de 1950 e as de 2020	64
5.1.1	Aspecto da Visão Serial da sequência 01	64
5.1.2	Comparação das fotografias de 1950 e 2020 da sequência 01	67
5.1.3	Aspecto da Visão Serial da sequência 02.....	71
5.1.4	Comparação das fotografias de 1950 e 2020 da sequência 02	73
5.1.5	Aspecto Local das fotografias e suas comparações	78
5.1.6	Aspecto Conteúdo das fotografias e suas comparações	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

A motivação da temática para este trabalho de conclusão de curso (TCC) deu-se a partir do trabalho de pesquisa do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic)/ Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), intitulado *As imagens do moderno em São Luís pelo Álbum de Miécio Jorge, de 1950*, orientado pela Professora-Doutora Grete Pflueger em 2017. Esse álbum é uma importante fonte de pesquisa primária, contendo um conjunto de fotografias inéditas da cidade de São Luís e do interior do Estado. O álbum descreve o cenário maranhense, em grande parte, da capital ludovicense como um informativo sobre o Estado do Maranhão e segundo o seu autor:

[...] em meio a turbilhão de ideias que ferviam em meu cérebro, no desejo incontido de fazer algo de apreciável pela minha terra, concebi, há muito, o projeto de oferecer, um dia, ao público brasileiro, uma realização impressa nos moldes desta que agora vem à luz da publicidade, capaz de oferecer visão completa da atualidade maranhense, desde a capital às mais remotas sedes municipais do litoral e do sertão. (JORGE, 1950, p. 5).

Jorge (1950, p. 5) explica que o intuito da produção do álbum foi apresentar o Maranhão da década de 50 a partir de sua visão de jornalista, mostrando a ascensão do modernismo em uma impressão física que pudesse futuramente ser usada como “um documento para comparação da terra com o seu passado e as gerações futuras disponham de elementos com que comparar o Maranhão de sua época com o maranhão do presente”.

A pesquisa do Pibic limitava-se a explorar essa fonte primária de imagens que era o álbum, muito pouco pesquisado. Entretanto o trabalho com as fotografias do álbum despertou-me o interesse em aprofundar o conteúdo teórico de análise da paisagem e em investigar as mudanças entre o centro histórico da São Luís de 1950 e o centro histórico da São Luís contemporânea de 2020.

Tomado o Álbum de Miécio Jorge como fonte primária para este trabalho, decidiu-se aprofundar suas dimensões no campo da morfologia, utilizando Gordon Cullen, e da filosofia, com Walter Benjamin, além de trazer uma nova abordagem sobre as imagens apresentadas, em categorias de análise para o trabalho de conclusão de curso, deste modo foi estabelecido abordar o mapa da cidade de São Luís, analisando a malha urbana, comparando-a com a atual e destacando as principais mudanças. É notório imediatamente, ao olhar os dois mapas, que há

mudanças: seriam elas de expansão da malha urbana? Seriam de modificações da cidade?

Em seguida, surgiu a ideia de localizar, na malha urbana, elementos da paisagem da cidade, partindo das fotografias existentes no álbum que seriam mais relevantes para o trabalho e produzindo novas fotografias contemporâneas para compará-las. Estabeleceu-se, como critério de seleção das imagens, categorias que fossem contempladas no álbum e que tivessem relevância para a análise da paisagem urbana como avenidas, ruas marcantes e edificações de alta relevância como arquiteturas de poder e edificações marcantes.

Foram contempladas imagens do álbum que pudessem ser analisadas com base nas teorias de Gordon Cullen (1914 - 1994) no livro "*Paisagem Urbana*", publicado a primeira vez em 1971, considerando os aspectos de ótica, local e conteúdo como principais ferramentas para análise. As fotos e imagem de praças, ruas e edificações de destaque serão analisadas dentro desses aspectos. Essa análise estabelecida entre dois momentos históricos pontuais de 1950 e 2020 propõe-se a investigar os seguintes questionamentos: quais são as mudanças na paisagem? Houveram mudanças no urbanismo da cidade? Quais novas edificações chegaram após a década de 50? As edificações do álbum ainda cumprem suas funções sociais ou têm novas funções? Essas são algumas questões que instigaram a pesquisa.

Como suporte teórico para a análise da malha urbana e seus elementos, serão abordados autores como Cullen (2018), que conceitua enfaticamente a paisagem urbana, trazendo diferentes formas de análise. A metodologia a ser utilizada neste trabalho, baseada em Cullen, está dividida em três categorias: a visão serial, formada por percepções sequenciais dos espaços; o sentido de localização, referente às sensações provocadas por espaços abertos e fechados; e o conteúdo, que se relaciona com cor, textura, escala e estilo. Com a teoria de Lynch (2018), outro teórico que dará suporte a análise do trabalho, utilizaremos como ferramenta de trabalho os cinco elementos de análise da paisagem urbana: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

É importante ressaltar que o propósito deste trabalho não é construir uma linha do tempo da transformação urbana de São Luís e sim pontuar e comparar dois momentos marcantes da paisagem urbana da cidade nos anos de 1950 e 2020. A partir dessa comparação, serão analisadas as transformações ocorridas pontualmente entre esses 70 anos. Iremos abordar, eventualmente, como questão de

contextualização do trabalho alguns aspectos da linha do tempo do início da cidade de São Luís e entre essas duas datas pontuais propostas para análise.

Este trabalho traz uma memória histórica, que entendo, de fundamental importância para a cidade de São Luís. Encanta-me resgatar a imagem que se perpetua através da fotografia, em particular as do Álbum de Miécio Jorge, que me acompanhou no percurso acadêmico, um presente da Professora Grete Pflueger.

2 CONCEITOS E CONTEXTOS

Este capítulo tem como objetivo instruir o leitor do aporte documental trabalhado e da metodologia utilizada, que servirá para classificar e esclarecer as imagens e transformações urbanas. Além disso, situar o leitor sobre o contexto da cidade de São Luís e o recorte a ser abordado neste trabalho.

2.1 A paisagem urbana de Gordon Cullen e Kevin Lynch

Calvino (1999, p. 17) mostra-nos que Marco Polo, explorador veneziano, entra na cidade de Tamara e ali assombra-se de ver que tudo indica algo distinto e arbitrário do que é:

Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tiradentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda. [...]. Outros símbolos advertem aquilo que é proibido em algum lugar - entrar na viela com carroças, urinar atrás do quiosque, pescar com vara na ponte - e aquilo que é permitido - dar de beber às zebras, jogar bocha, incinerar o cadáver dos parentes. (CALVINO, 1999, p. 17).

Ao abordar a visita de Marco Polo à cidade de Tamara, o autor exemplifica com esse pequeno conto que toda cidade requer uma leitura e uma interpretação. Uma cidade só assume um significado particular quando lhe imprimimos uma leitura.

Considerando que este trabalho tem como objetivo a comparação da paisagem urbana de dois momentos pontuais da evolução da cidade de São Luís, 1950 e 2020, para fazer essa leitura e interpretação, buscou-se a fundamentação teórica de alguns autores que trouxessem conceitos e ferramentas que dessem suporte à pesquisa.

Dentro dessa perspectiva, destacamos dois autores que trazem um aporte teórico significativo à paisagem urbana: Gordon Cullen e Kevin Lynch.

a) A paisagem urbana de Gordon Cullen

Cullen, um dos grandes teóricos Ingleses sobre a temática abordada, segundo Adam (2008, p. 63) conceitua a paisagem urbana como “a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.”

Para Cullen (2018), na análise da paisagem urbana é levado em consideração o aporte visual que a paisagem apresenta, seguido de seus impactos

emocionais. O autor considera que existem três aspectos principais para análise da paisagem: a ótica; o local e o conteúdo.

A ótica apresenta o caminhar pela cidade, observando diferentes cenários que esta pode trazer. Nesse aspecto, Cullen (2018, p. 11) percebe que mesmo “a passos uniformes, a paisagem surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas”. Daí a ideia do cunho emocional, onde essas surpresas despertam sensações no observador.

Dentro do aspecto visual, Cullen (2018) aborda sobre a ‘visão serial’, onde se pode observar a imagem existente e a imagem emergente. Trata-se de uma sucessão de imagens que trazem a descoberta da forma da paisagem e a partir disso, uma forma de análise da mesma.

Outro ponto abordado por Cullen (2018) é o local. Essa forma de compreender a paisagem usa as sensações e emoções vindas de espaços abertos e espaços fechados. O autor ao abordar sobre a sensação de localização do observador destaca as falas “Estou aqui”; “vou entrar ali” ou até “Vou sair daqui” compreendendo que ao se nomear um “aqui” tende-se a compreender a existência de um além justificando que não é possível a existência de um sem o outro.

Um exemplo que pode ser observado na cidade de São Luís é a Rua do Egito. Localizada no centro da cidade, ao caminhar da Avenida Beira-Mar adentro, percorre-se um caminho de curiosidade visto que o início da rua se compreende ao nível do mar e continua acendendo em uma ladeira, possuindo diferentes níveis de visão até o término da rua. Quando se está no início da rua do Egito (no cruzamento com a Avenida Beira-Mar) pouco se consegue observar do que virá a existir no além. Ao caminhar pela rua é possível observar o topo de algumas casas e edifícios; ao final do trajeto é visível que existem mais prédios, uma praça, uma igreja, vegetações e tantos outros elementos marcantes da cidade (figuras 1 a 4).

Figura 1 – Planta da Rua do Egito com indicações dos pontos de vista



Fonte: Adaptado pela autora a partir da imagem do Google Maps

Figura 2 - Ponto 1 da visão da Rua do Egito



Fonte: Google, 2020

Figura 3 - Ponto 2 da visão da Rua do Egito



Fonte: Google, 2020

Figura 4 - Ponto 3 da visão da Rua do Egito



Fonte: Google, 2020

Por último, Cullen (2018) cita o aspecto do conteúdo. O conteúdo de uma cidade consiste em sua cor, as formas, as texturas, a escala e os estilos que nela podem ser encontrados. O recorte em estudo da cidade de São Luís, por se tratar de uma área histórica e com inúmeras modificações ao longo dos anos, traz variados estilos (colonial, eclético; *art déco*; moderno) cores e escalas (edifícios modernos e até casarões) que podem ser abordados em uma análise da cidade.

Estabelecem-se assim três categorias fundamentais: a ótica, o local e o conteúdo. O observador, naturalmente, tem a necessidade de criar uma relação com o local com o qual se depara. Ele procura compreender a forma desse local, o que ele observa de imediato e o que ele poderá observar no decorrer do tempo (CULLEN, 2018).

Quando observamos, por exemplo, uma foto em preto e branco questionamos quais cores além do espectro da cor cinza poderiam estar presentes naquele local, procuramos a identidade do passado que ali existiu e que talvez nunca sejamos capazes de compreender veemente quais cores ali se encontravam.

Como muitas outras análises, muito depende do conhecimento sobre o estudo e das experiências adquiridas dentro dele. Com a metodologia de Gordon é possível investigar o passado e compará-lo com o presente, buscando os questionamentos que a mudança trouxe para esse trabalho a partir das imagens selecionadas no álbum para desvendar a cidade e suas características.

b) Os elementos de Kevin Lynch

Buscando mais um teórico para a abordagem da cidade, o americano Kevin Lynch foi um urbanista, escritor e professor que desenvolveu um estudo sobre a cidade baseando-se em cinco elementos: vias, cruzamentos, bairros, limites e marcos. Lynch (2018) pontua que existem outros elementos que influenciam a imagem, como o seu significado social, sua história, sua função e seu nome. Porém, o autor frisa que se utiliza apenas dos 5 pontos aclamados anteriormente tornando esses o nosso objeto de teoria, abordando apenas sobre a importância da forma. Esses cinco elementos, mesmo sendo de diferentes classificações, nunca estão separados. Os elementos de Lynch comunicam-se entre si formando a cidade.

As vias são os canais que o observador usa para se locomover pela cidade: ruas, calçadas, linhas de trânsito, ciclovias, caminhos de ferro, dentre outros. As vias predominam na cidade por serem o local de onde o observador pode ver a cidade, deslocando-se pela via ao longo do caminho estabelecido (LYNCH, 2018).

Os limites, segundo Lynch (2018) são as fronteiras que dividem duas partes: o fim de um caminho linear, uma lagoa, um rio, costas marítimas em geral, paredes, cercas, dentre outros; são vistas mais como uma barreira que divide um espaço do outro, podendo ela ser penetrável ou não.

Os bairros são regiões urbanas de médio e grande porte, podendo ter uma característica mais residencial, comercial ou industrial e possuem uma extensão bidimensional por conta da altura das edificações que compreendem um bairro (LYNCH, 2018).

Os cruzamentos são pontos nodais ou locais estratégicos de uma cidade pelos quais o observador se desloca, podendo, a partir dele, analisar novos aspectos da cidade. Esses cruzamentos podem ser: locais de interrupção de um transporte, um cruzamento de vias, locais de concentração de pessoas como praças, dentre outros (LYNCH, 2018).

E, por último, os marcos, de acordo com Lynch (2018), são uma forma de referência de um ponto externo, com o observador assistindo de fora do ponto de referência. Normalmente os marcos podem ser: edifícios, uma loja, uma montanha, um monumento, uma edificação em destaque, uma torre de igreja, dentre outros. Os marcos vão ganhando uma importância maior a partir do momento que são usados para identificar direções, tornando-se cada vez mais significativos para a cidade.

Todos esses elementos têm como questão a relação entre eles. O conceito de vias está ligado ao conceito de cruzamentos por ambos poderem vir de um mesmo elemento; o conceito de bairros está ligado a ambos os conceitos de via e cruzamento, por poderem ser observados dentro deles; os marcos podem ser vistos dentro de qualquer outro elemento citado por se tratar de um aspecto mais geral e depender da relação que a cidade constrói com o observador.

Segundo Lynch (2018) mesmo que não se possa mudar o percurso das vias e as formas que as compõem (casas, igrejas, prédios, praças), essas podem sim, em sua maioria, sofrer mudanças; isso faz com que nunca exista uma paisagem final e sim fases por conta de suas mudanças contínuas. O mesmo aborda Jorge (1950) ao enfatizar a importância do álbum para que as futuras mudanças pudessem ser comparadas.

Essa percepção de Lynch e Miécio, pode ser observada na cidade de São Luís. um perímetro urbano intitulado Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade de São Luís, parte dele, objeto de estudo do presente trabalho, que foi tombado pelo

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1974 e, em 1997, nomeado Patrimônio Histórico Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por seu conjunto de casarões, mas principalmente por seu traçado urbano inicial que permanece consideravelmente o mesmo desde 1640 (figura 5). Em decorrência desse fato pela UNESCO, o perímetro urbano tombado pelo IPHAN foi rerratificado em 2010. Mesmo após os tombamentos, quando a cidade recebe a responsabilidade de permanecer com parte do seu traçado inalterável e com seus casarões sem a alteração de suas características, existiram algumas mudanças ao longo desses anos, comprovando a impossibilidade de haver uma cidade estática, haja visto a existência de constantes mudanças.

Figura 5 - Recorte do Jornal do Brasil sobre o título de patrimônio de São Luís

8 JORNAL DO BRASIL

SEXTA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1997

Brasil

São Luís é patrimônio do mundo

■ Cidade recebe hoje na Itália o título da Unesco que apenas 8 áreas brasileiras têm

WALDEMAR TER
Agência JB

SÃO LUÍS - A capital maranhense, que foi fundada há 385 anos pelos franceses e passou alguns anos sob domínio holandês até voltar a ser colonizada pelos portugueses, será reconhecida hoje em Nápoles, Itália, como Patrimônio da Humanidade. O título, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Tecnologia (Unesco), só foi concedido a um seleto clube de cidades-possais brasileiras. Pode representar a abertura dos portos da velha Ilha de Açu (Ilha Grande), nome que os índios tupinambá lhe deram, ao turismo mundial, uma atividade econômica que os 750 mil habitantes da cidade pouco exploram.

O calçadão cultural herdado dos colonizadores e a restauração que sofreria parte do Centro histórico de São Luís - composto de inúmeros casarões, longas escadarias, estreitos becos e mirantes - ajudaram a capital maranhense a chegar ao título, mas nem tudo é beleza na Atenas brasileira. Boa parte dos 2,6 mil prédios que compõem o acervo arquitetônico ficou de fora do projeto Reviver, restrito à área onde a cidade se originou, em 1612, à beira de um portinho de frente ao mar. Foi a partir dali, também, que o comércio se desenvolveu, dominado por portugueses.

Deste prédio, segundo a Defesa Civil, corre o risco de desabar com a aproximação do inverno, a época de chuvas na região. Neles vivem 74 famílias, mas o secretário estadual de Cultura, Eliezer Moreira Filho, garante que, para recuperá-los e evitar acidentes, falta apenas a liberação de R\$ 10 milhões, verba com a qual pretende expandir o projeto de Restauração e Revitalização do Centro Histórico de São Luís e Alcântara, esta a primeira capital maranhense.

O dinheiro virá do Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID) e vai ser aplicado segundo orientação do Instituto de Patrimônio Histórico do Maranhão. O Centro histórico, que abriga o projeto Reviver, tem o aspecto da velha Lisboa e está repleto de barezinhos, onde se houve reggae, estilo de música que deu o título a São Luís de Jamaica brasileira. Eliezer Moreira explica que os recursos serão aplicados na recuperação dos casarões, para implantar na área o projeto Habitat, destinado a fixar nos prédios (boa parte públicos) as famílias que os ocupam.

Em paz - A governadora Roseana Sarney (PFL) e o prefeito de São Luís, Jackson Lago (PDT), foram acompanhar em Nápoles a solenidade na qual a Unesco vai reconhecer São Luís como Patrimônio Histórico da Humanidade - as outras cidades e localidades brasileiras que receberam o título foram Ouro Preto e Santuário de Bom Jesus de Congonhas, em Minas Gerais; São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul; Serra da Capivara, no Piauí, e os parques nacionais do Iguaçu, no Paraná; Salvador, Olinda (Pernambuco) e Brasília. A importância do título obrigou os dois a esboçar, temporariamente, velhas rixas partidárias.

O prefeito acredita que o turismo da capital maranhense vai crescer com o reconhecimento da Unesco. Kátia Lima, presidente do Maranhão, órgão que trata do turismo no estado, também acredita que São Luís entrará na rota mundial dos turistas.

A Casa da Moeda vai lançar uma medalha comemorativa do título. Foram confeccionadas três versões, em bronze, prata e ouro, com preços de R\$ 40, R\$ 140 e R\$ 3,2 mil.

São Luís - Arthur Miza



O Centro da capital maranhense tem casarões com azulejos portugueses

Aborto ilegal sai caro ao governo

RENATO FAGUNDES*

BRASÍLIA - O governo gasta, em média, cinco vezes mais com o tratamento de mulheres que foram submetidas a aborto em clínicas clandestinas do que na realização de abortos autorizados pelo Código Penal e praticados nos hospitais públicos e privados que atendem ao Sistema Único de Saúde (SUS). No ano passado, os custos de tratamento de mulheres que abortaram clandestinamente chegaram a R\$ 118.463,07, pagos com recursos do SUS. Já na realização de abortos legais foram gastos R\$ 22.157,08 em 1996. Em 1997, a tendência se mantém: até agosto, foram gastos R\$ 75.634,09 para tratamento de complicações provocadas por abortos clandestinos e R\$ 13.436,60 em abortos legais.

Segundo o secretário de Políticas de Saúde e de Avaliação do Ministério da Saúde, Álvaro Machado, o custo médio do tratamento de mulheres que aplicaram para métodos abortivos clandestinos é quase 25% maior do que as despesas com as cirurgias realizadas no âmbito do SUS. Em 1996, o SUS pagou em média R\$ 100,99 para cada caso de complicações decorrentes de abortos ilegais. Nos casos admitidos legalmente (recorrido à justiça para garantir o acesso), o custo de cada cirurgia foi de R\$ 88,40. Em 1997, a média tem sido de R\$ 95,38 para os abortos clandestinos e R\$ 83,08 para as cirurgias legais.

No Rio Grande do Sul, todos os hospitais públicos estão obrigados a realizar abortos previstos na legislação penal, conforme lei aprovada ontem pela Assembleia Legislativa. O projeto de autoria do deputado Marcos Rêdem (PT), foi aprovado por 17 votos contra 14.

Colaboração José Moreira

Cristovam manda PM vigiar Inera

ELIJANA LUCENA

BRASÍLIA - O governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, comunicou ao chefe da Casa Militar da presidência da República, general Alberto Cardoso, que a partir de agora, manterá o prédio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) cercado pela Polícia Militar.

"Só mandarei retirar os soldados quando o ministro Raul Jungmann ficar porque antes da invasão recebeu um alerta do comando da PM sobre a presença de pessoas estranhas no prédio.

"Um ministro que autoriza a elevação de grades à mansão de 100 pessoas na entrada do prédio, e não leva em conta as informações da PM, está fazendo jogo político", critica.

Cristovam disse que as invasões dos senhores só vão acabar depois que a reforma agrária for feita no país.

"Se tem alguém que não pode falar

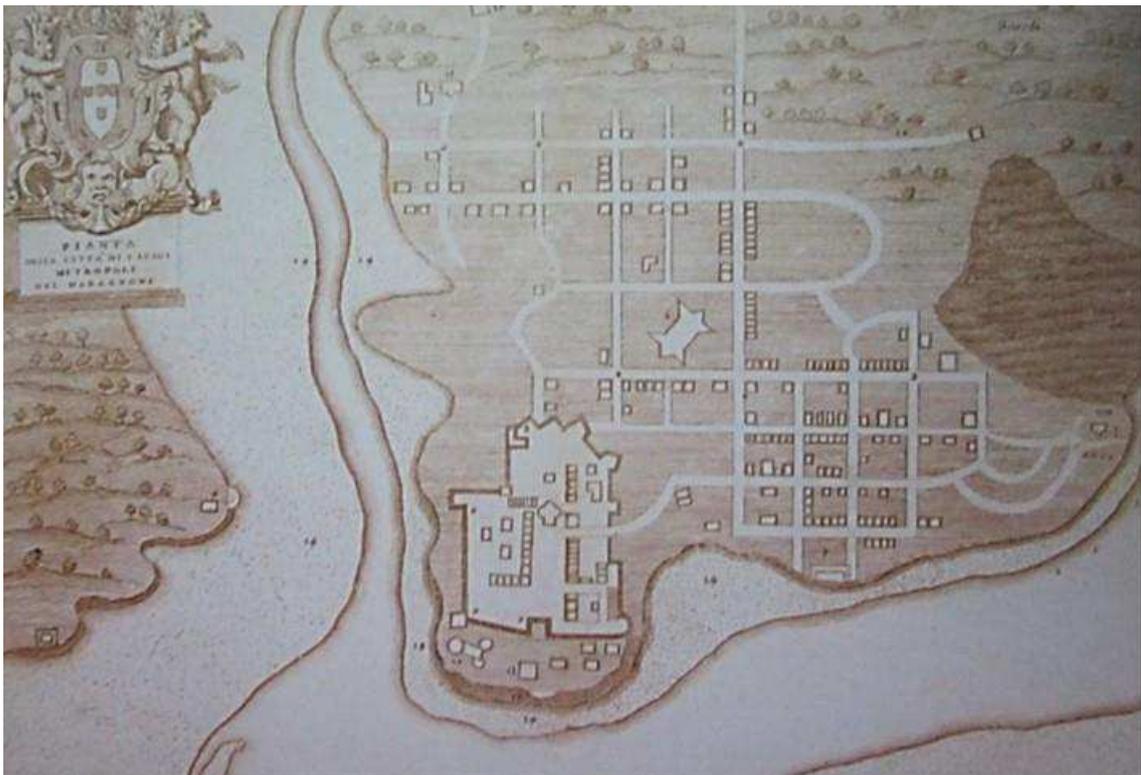
Fonte: Ter (1997)

2.2 Breve histórico da malha urbana da cidade de São Luís

A cidade de São Luís foi fundada em 1612 por franceses e posteriormente, colonizada e urbanizada por portugueses em 1614; para que a cidade pudesse seguir os moldes de uma cidade colonial, o trabalho de Frias de Mesquita, Engenheiro Mor do Brasil, foi essencial para esse feito. Dotado de algumas recomendações, Frias de Mesquita elabora um plano urbano baseado no modelo de “Praça da Matriz”, que conduz a uma praça central onde se localizam os principais prédios administrativos da cidade. Além disso, o plano conta com um arruamento uniforme em uma malha ortogonal, no formato de “tabuleiro xadrez” e tomando como base os pontos cardeais permitindo que a posição determinada ofereça uma melhor ventilação à cidade (SÃO LUÍS..., 2008).

Na figura 6 é possível observar o traçado inicial da cidade que apresenta até hoje uma similaridade com o passado, esclarecendo um dos motivos pelo qual a cidade de São Luís é considerada patrimônio mundial: o seu traçado preservado.

Figura 6 - Planta da cidade de São Luís do Maranhão, provavelmente 1645



Fonte: Santos (2001, p. 165).

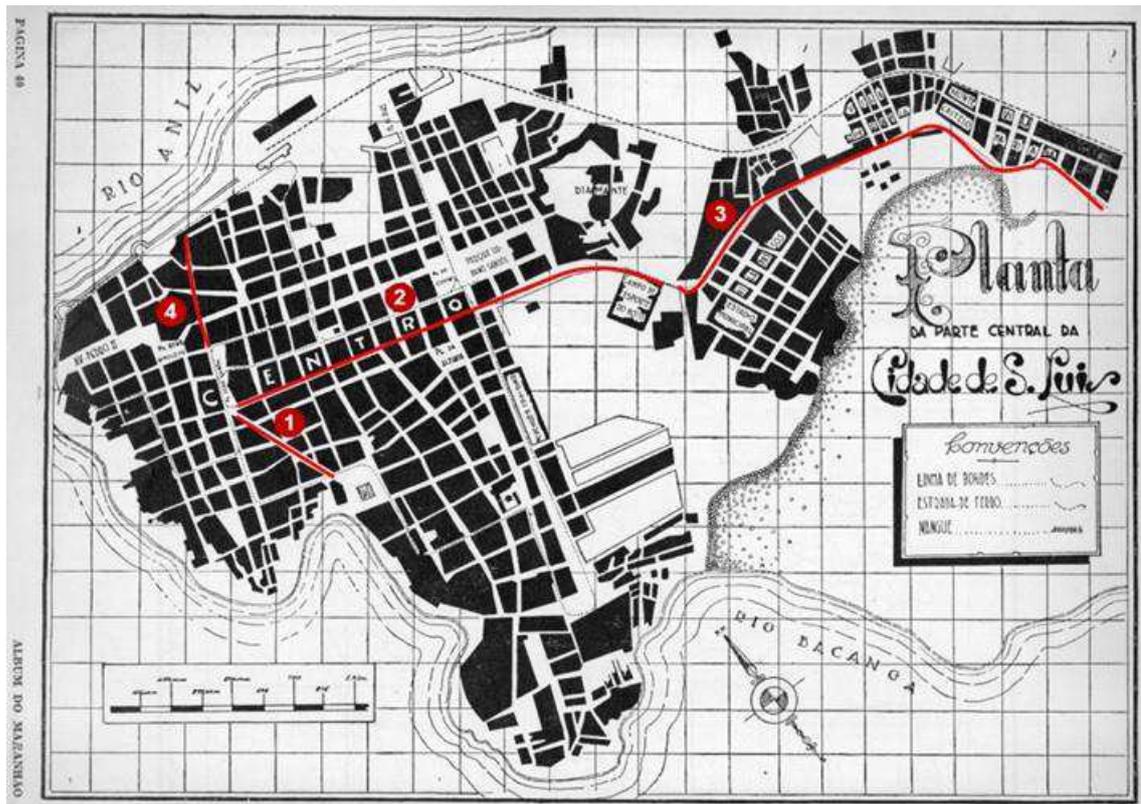
De acordo com Lopes (2013, p. 35), “o desenvolvimento da cidade manteve este modelo urbano nos séculos XVIII e XIX (figura 3), à medida em que se expandiu ao interior da ilha”. Ao longo desses séculos pouco se altera na malha urbana da cidade e conseqüentemente na paisagem urbana.

Entretanto, ainda que a preservação do traçado urbano do centro histórico seja significativo e dignifique a história arquitetônica da cidade, segundo Pflueger e Furtado (2017), no âmbito das mudanças arquitetônicas e urbanas, ressalta-se ainda a importância dos planos de intervenção e renovação urbana. Os planos urbanos foram os instrumentos fundamentais para as transformações urbanas e arquitetônicas na capital. Eles materializaram o ímpeto de crescimento com as intervenções e renovações urbana no centro e, posteriormente, com a construção das pontes e novas avenidas para a expansão da cidade. Com isso, após a urbanização da cidade no século XVII novas transformações urbanas significativas de expansão de vias vêm a ocorrer somente no início do século XX com o que chamamos de “Era Vargas”.

Na gestão do governador da época, Paulo Ramos (1896 – 1969), em 1937, o prefeito e urbanista Otacílio Saboya Ribeiro elabora o primeiro plano de cunho moderno para a cidade, tendo como intuito mudar a “feição da cidade colonial para uma cidade moderna”. A proposta chega a ser publicada no diário oficial porém permanece apenas no plano das ideias, sendo executado parcialmente pelo seu sucessor Pedro Neiva de Santana, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que, por sua vez, veio a implementar, “à sua maneira, o plano proposto pelo seu antecessor” (LOPES, 2013, p. 204).

As principais modificações da malha urbana, conforme assinalado no mapa abaixo, são a construção da Avenida Magalhães de Almeida (1) instituindo um rasgo na malha da “cidade proporcionando assim um traçado em diagonal rompendo com a urbanização do século XIX e abrindo espaço para a urbanização modernista” (PFLUEGER; FURTADO, 2017); o alargamento e extensão da rua Oswaldo Cruz (2), conhecida como Rua Grande, dando nome da extensão de Avenida Getúlio Vargas (3) e fazendo com que existisse agora uma ligação entre o centro e seus perímetros, permitindo uma expansão da cidade. Outro detalhe marcante do desenvolvimento urbano é o alargamento da Rua Do Egito (4), antiga Rua Tarquínio Lopes (figura 7).

Figura 7 - Planta da cidade de São Luís do Maranhão, 1950



Fonte: Jorge (1950). Mapa Desenhado por Janai Silva

No mapa apresentado na figura 7, material extraído do Álbum do Maranhão a ser analisado neste trabalho, é possível observar as mudanças de expansão viária citadas anteriormente. Todas essas mudanças de cunho moderno tinham a intenção de romper a malha clássica do século XVII, buscar um aprimoramento no eixo comercial e ligar o centro da cidade com os demais bairros do entorno. Com a mudança na malha urbana ocorrem conseqüentemente as mudanças na arquitetura, abrindo espaço para edificações de novas linguagens como art déco, eclético e moderno.

Com o tempo, a importância de um legado arquitetônico de diferentes estilos foi ganhando seu valor, chegando a ser denominado Patrimônio Mundial da Unesco em 1997. A partir desse advento, concentrou-se todos os esforços de pesquisa e catalogação para a proteção deste acervo pelos órgãos federais, estaduais e municipais.

Hoje, na perspectiva do século XXI, no âmbito acadêmico buscamos compreender as diferentes temporalidades da nossa cidade, as mudanças da malha urbana desde o século XVII até o século XXI e as tendências e estilos arquitetônicos

do século XX e XXI, valorizando este acervo que se incorporou ao conjunto histórico da arquitetura colonial portuguesa com novos edifícios verticais, refletindo as influências dos movimentos art déco, moderno e brutalista.

Na presente pesquisa, tem-se a intenção de compreender essas mudanças como um todo, analisando recortes da paisagem urbana de São Luís a partir de fotografias e mapas já estabelecidos no Álbum do Maranhão de 1950 e observando e fazendo o registro fotográfico da sua realidade em 2020.

Esclarecemos que as comparações e análises serão feitas através da comparação fotográfica e de mapas de dois momentos pontuais: as fotos da cidade da década de 50, constantes do Álbum do Maranhão e o registro fotográfico dessas mesmas fotos e mapas no ano de 2020.

O objeto deste trabalho não se trata de observação e análise da evolução de uma malha urbana, mas sim de uma observação sensível de um recorte da cidade e do tempo.

2.3 A fotografia como fonte documental

A fotografia que conhecemos hoje passou por muitas transformações e jamais pode ser classificada como obra de um só criador. Desde a ideia conceitual da câmera escura – aparelho óptico que consiste em uma caixa com um orifício em uma de suas faces por onde a luz entra refletida por um objeto, formando uma imagem invertida do mesmo – até a primeira fotografia permanente, produzida por Joseph Nicéphore Niépce em 1826, muitas pessoas foram envolvidas em todos esses processos. No final do século XIX, a fotografia populariza-se e ganha espaço na mão do público.

Com a sociedade pós-revolução industrial em posse de câmeras fotográficas, um novo entendimento da simbologia da sociedade e da cidade vem a ser discutido, e levam à afirmação de que:

O fato de essa nova técnica ter um aspecto mecânico era particularmente apropriado. Era como se a revolução industrial, tendo alterado para sempre o modo de vida do homem, tivesse agora que inventar seu próprio método de registrar-se a si própria. (JANSON; JANSON, 1996, p. 425).

Logo é de se reconhecer que a fotografia passa a dar um novo sentido ao olhar. Na sociedade, ela passa a ilustrar o cotidiano; nas artes ela influencia novos

olhares, além das pinturas e, na história, ela passa a servir como objeto documental para a produção de periódicos, livros e álbuns.

Os álbuns de fotografia foram importantes documentos de registro do processo de modernização das cidades. Ao poder congelar com realismo as imagens no século XX, os recursos da fotografia, a exemplo das imagens capturadas com lente grande angular e fotografias panorâmicas ampliaram o registro dos edifícios verticais e a visibilidade do *skyline* das cidades, enriquecendo a documentação de registro e oferecendo uma visão mais ampla de monumentos e áreas urbanizadas.

No Brasil, os Álbuns documentais tinham objetivos diversos; eram produzidos pelas esferas governamentais com objetivo de ilustrar exposições – ao estilo das grandes exposições europeias, adaptadas às produções locais – mas também traziam o desejo de documentar a modernidade da cidade, as novas construções e arruamentos que se diferenciavam e assumiam outros ares ao lado da concepção urbana colonial. Na perspectiva da pesquisa contemporânea de arquitetura e urbanismo, voltada a preservação do patrimônio histórico das cidades e de preservação urbana de estruturas existentes, os álbuns documentais com suas fotografias urbanas e arquitetônicas constituem uma fonte primária de pesquisa e consulta para análise da paisagem urbana.

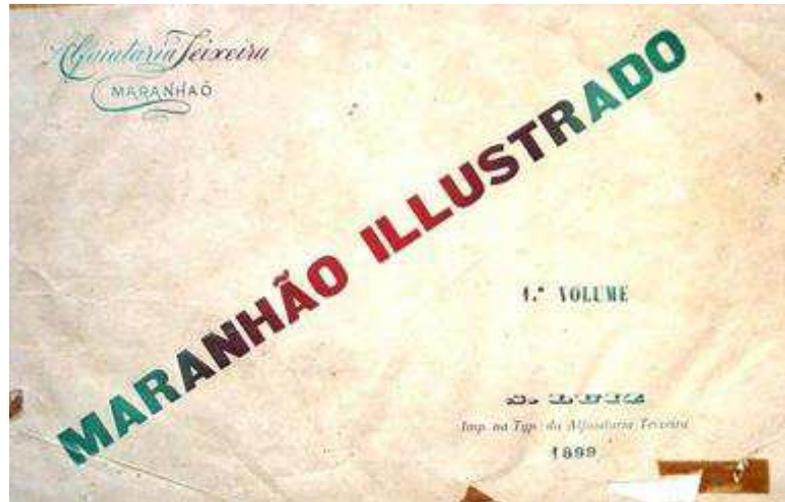
Em seu ensaio sobre a fotografia, Benjamin (2008, p. 93 e 168) acredita que: “[...] a reprodutibilidade da fotografia, facilitada por meio das máquinas, populariza e massifica as imagens, trazendo para o espectador uma reprodução atualizada do objeto reproduzido”. Além disso, o autor citando Arago, acrescenta: “Quando os inventores de um novo instrumento o aplicam à observação da natureza, o que eles esperavam da descoberta é sempre uma pequena fração das descobertas sucessivas, em cuja origem está o instrumento”. Com isso, pode-se compreender que o que se pode analisar em uma fotografia é muito mais do que se espera. Ela vem na intenção de desvendar detalhes de uma reprodução do real.

Ao longo dos anos, muitos foram os álbuns de fotografia publicados no Maranhão sendo a maioria de cunho político, que antecederam o Álbum de Miécio Jorge, fonte primária da pesquisa deste trabalho de conclusão de curso. Consideramos importante elencar aqui aqueles dentre os quais se destacam:

- a) “**Maranhão ilustrado**” de 1899, com texto de Euclides Marinho Aranha e fotografias de Gaudêncio Rodrigues da Cunha. Esta é considerada a

primeira publicação desse gênero em São Luís, feita pela *Typografia Texeira* (figura 8);

Figura 8 - Capa do Álbum Maranhão Ilustrado



Fonte: MARANHÃO... (1899)

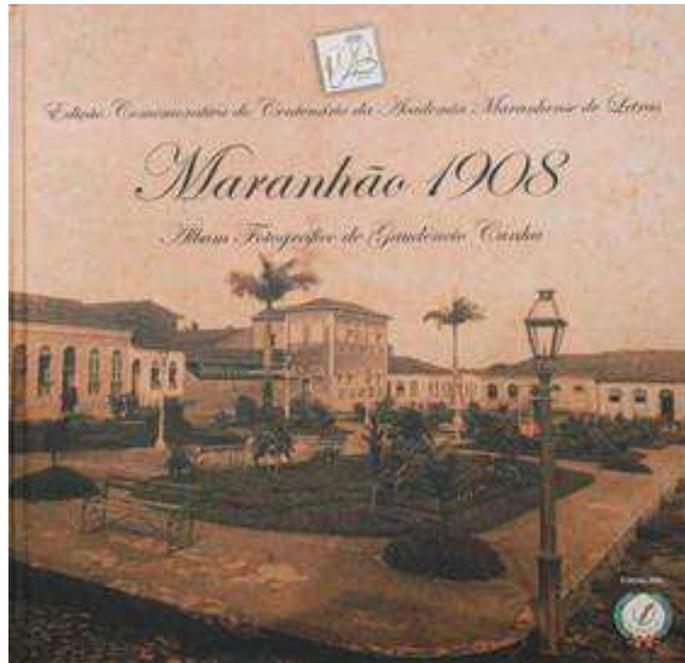
- b) “**Álbum do Maranhão em 1908**”, álbum de fotos encomendado ao fotógrafo Gaudêncio Cunha pelo Governador do Maranhão na época, Dr. Benedito Leite. Produzido pela *Photographia União*, o documento representou o Estado na Exposição Nacional realizada no Rio de Janeiro em 1908. Em 2008, este álbum ganha uma segunda edição, patrocinada pela Academia Maranhense de Letras (figuras 9 e 10).

Figura 9 - Capa do Álbum do Maranhão de 1908. Photographia União, 1908.



Foto: Edgar Rocha, em 2008 - Museu Histórico e Artístico do Maranhão

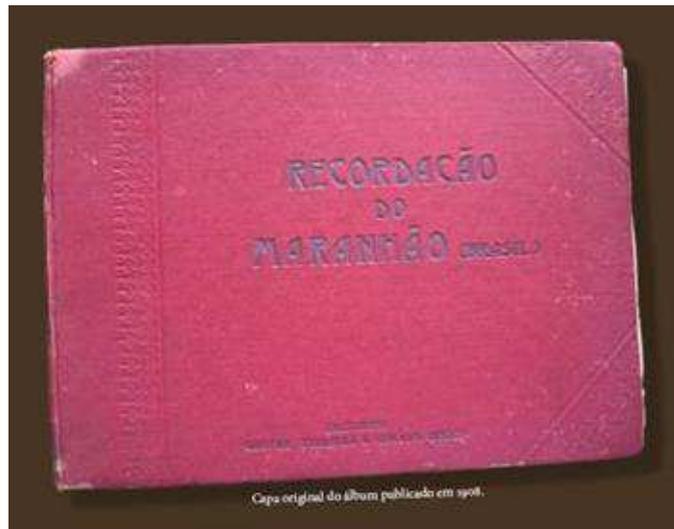
Figura 10 - Capa do Álbum do Maranhão de 1908 2º edição. Academia Maranhense de Letras. 2008



Fonte Academia Maranhense

- c) No mesmo ano de **1908**, o “**Álbum recordação do Maranhão: a Typogravura Teixeira e os Primórdios da fotografia impressa no Brasil**” ou “**Álbum do Maranhão (Brasil)**” foi produzido com o intuito de tratar a trajetória dos irmãos Teixeira, pioneiros no processo de impressão da imagem fotográfica em periódicos no Maranhão. Anos depois, em 2019, o álbum recebe uma 2º edição, publicada pela *Entre Capas Edições* com coordenação editorial de Edgar Rocha, com o intuito de resgatar o valor do álbum para pesquisadores e curiosos (figura 11).

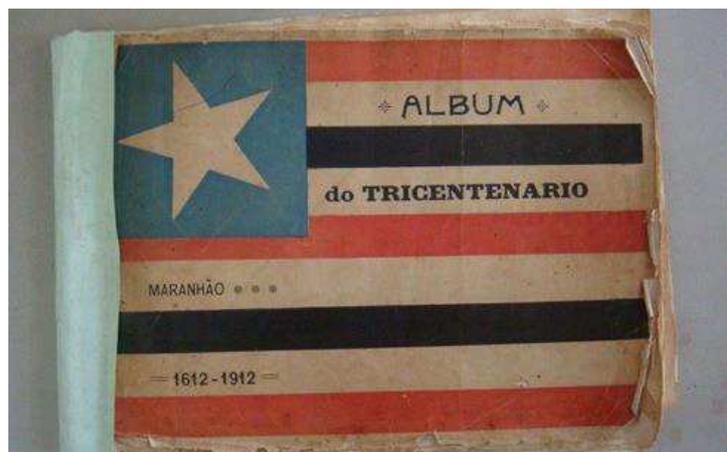
Figura 11 – Capa do Álbum Recordação do Maranhão 1ª edição. 1908



Fonte: Silva Filho e Martins (2019, p. 8)

- d) O “**Álbum Comemorativo do 3º Centenário da Fundação da cidade de São Luís, Capital do Maranhão**” foi impresso na *Tipogravura Teixeira*, no Maranhão, em **1913**. O álbum foi elaborado pelos organizadores da Exposição de 1912 do Tricentenário de São Luís para registrar a comemoração. O álbum é composto por imagens da cidade, dos espaços da exposição e por textos nos quais são descritos os ritos de abertura e encerramento da comemoração (figura 12);

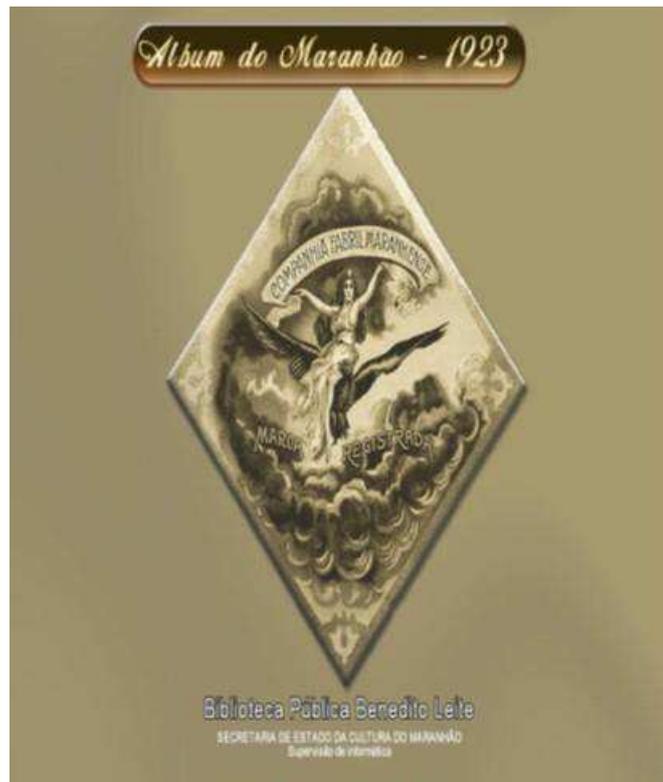
Figura 12 - Capa do Álbum do Tricentenário



Fonte: Acervo Cazumba da Ilha, 2020.

- e) “**Álbum do Maranhão 1923**” ou “**Álbum do Estado do Maranhão 1923**” foi organizado pelo Dr. A. Cavalcanti Ramalho a pedido do governo estadual, no intuito de destinar a propaganda comercial e para celebrar o primeiro centenário de adesão do Maranhão à causa da independência do Brasil (figura 13);

Figura 13 - Capa do Álbum do Maranhão – 1923



Fonte: Acervo digital Biblioteca Pública Benedito Leite, 2017.

Com uma extensa coleção de álbuns de fotografias da cidade de São Luís e do Estado do Maranhão, expondo diferentes épocas e pontos de vista, os diversos álbuns se somam apresentando os olhares de inúmeras épocas de um mesmo local. Na edição de 2019 do álbum “*Recordação do Maranhão*”, a contra capa da obra presenteia o leitor com a seguinte questão:

As nossas escolhas sobre o que recortamos num enquadramento fotográfico nunca são somente nossas, um olhar mais atento nos liga a uma certa tradição do olhar. Quanto mais vemos mais aprendemos a enxergar, quando menos se espera já naturalizamos o ver como uma faculdade inata, quando, na verdade, nossa capacidade de observar encontra-se mediada pelas múltiplas camadas de um tempo cristalizado em imagens dos diversos lugares de memória que a fotografia também ajuda a forjar. (RECORDAÇÃO..., [1923]).

Compreende-se que a pesquisa a respeito de fotografias alcança memórias que a realidade atual da paisagem urbana já não tem mais alcance, chegando até a perder a certeza do que de fato já existiu em um local específico, já que seus traços do passado, tão marcantes, já se dissiparam, dando espaço ao que enxergamos hoje no presente.

Vemos hoje, por exemplo, que a fotografia é a essência do que atualmente se compreende ao se pesquisar na internet sobre qualquer lugar no mundo e ter a possibilidade de emergir em uma cidade qualquer através da plataforma *google street view* e observar suas ruas, lojas, placas, prédios e praças, fazendo da fotografia uma ferramenta de descobertas.

Se, por um lado, hoje, no século XXI, a essência fotográfica é fonte de descoberta, como afirmamos acima, no final do século XIX e primeira metade do século XX as fotografias dos álbuns maranhenses nos chegam como herança e patrimônio que nos trazem descobertas das marcas da cidade em suas presenças e ausências. Além disso, as fotografias da cidade compõem um acervo que pode auxiliar na restauração de monumentos e áreas históricas sendo uma importante ferramenta para a cidade.

3 ÁLBUM DO MARANHÃO DE 1950

3.1 O álbum

Com o desejo de Jorge de projetar o seu trabalho e o Estado do Maranhão para todo o país, produzindo um álbum que futuramente servisse de comparação com o passado, em 1950, surge uma publicação de jornal sobre a ideia de produzir um novo álbum do Maranhão. Na reportagem explica-se que o álbum contará com o apoio do Governador do Estado – na época Sebastião Acher e de todos os prefeitos dos municípios maranhenses, mesmo a publicação não tendo nenhum caráter político (figura 14).

Figura 14 - Recorte do jornal A Pacotilha o Globo edição datada de 15 de maio de 1950



Em um trecho da reportagem é explicado do que se trataria o conteúdo do álbum:

‘Álbum do Maranhão’, de Miécio Jorge conterà dados sobre história, economia, finanças, educação, cultura, assistência social e de tudo o mais que releve o esforço civilizador do nosso povo, município por município, desde a Capital á mais distante sede municipal maranhense. [...] Como se pode concluir pela natureza do cometimento, o ‘Álbum do Maranhão’ virá revelar mais um esforço daquele jornalista em projetar o nome, as coisas e as realizações de nossa terra, por todo o País, o que representa empresa de grande alcance econômico, social e cultural, capaz de bem assinalar uma época, um período histórico – o trabalho de uma grande geração’. (RECEBIDA..., 1950, p. 4).

É visível para a época a importância que se dava a produção de um trabalho como o ‘Álbum do Maranhão’ que abordava vários aspectos do Estado – sendo produzido de forma particular mesmo que com ajuda dos governantes, que tinha como foco enaltecer e dar visibilidade não só a capital São Luís como de todos os outros 72 municípios maranhenses.

A data de lançamento do álbum, prevista para dezembro de 1950, sofreu um atraso por conta da situação política da cidade de São Luís, na medida em que foi conturbada a sucessão governamental:

Em março de 1951 os acontecimentos políticos em S. Luís determinaram um parêntesis a esta altura da impressão do "álbum" para o registro da sucessão governamental, que teve a mais ampla repercussão em todo o país pelas circunstâncias de que se revestiu e que representa, ao mesmo tempo, subsídio para a história política do Maranhão. (JORGE, 1950, p. 174).

O marco que Jorge cita em seu álbum é o que se conhece hoje pelos contemporâneos de “balaiada de São Luís” ou “greve de 51”. A título da contextualização histórica, citamos aqui um breve relato do momento político da época:

A greve de 1951: O povo contra as fraudes A ‘Balaiada de São Luís’, como ficou conhecida, a greve de 1951, foi o mais formidável movimento urbano da história do Maranhão. [...] A greve de 1951 ocorreu num cenário de acirramento intra-oligárquico e girou em torno do poder exercido por Vitorino Freire que havia corrompido o processo eleitoral garantindo a vitória de seu candidato, Eugênio Barros. O pano de fundo que ensejou a greve de 1951, foi a disputa dos grupos políticos pelo controle do Estado, numa época de ascensão de novas lideranças políticas no Maranhão, ameaçando o poder de Vitorino Freire. Uma dessas lideranças era de Saturnino Belo, ex interventor e vice-governador, até então, aliado de Vitorino. Ele apresenta a sua candidatura às eleições de 1951, contra o candidato vitorinista. [...] Saturnino Belo, saiu na frente, principalmente em São Luís. Estava ameaçada a vitória do candidato da oligarquia. Vitorino Freire preocupado com o quadro eleitoral desvantajoso entra em cena: conseguiu anular via TRE, 31 seções eleitorais, algo em torno de 16.000 votos, o suficiente para garantir a ultrapassagem de Eugênio Barros sobre Saturnino Belo e “vencer” o pleito com uma margem mínima de 6.000 votos. A declaração do resultado pelo TRE, acirrou os ânimos. A

população de São Luís reagiu de forma violenta à posse de Eugênio Barros. Passeatas foram organizadas; piquetes e discursos inflamados foram feitos em praça pública; jornais foram empastelados; casas de juízes foram depredadas; até mesmo o prédio do TRE foi queimado pelos rebeldes. Durante o desfecho do movimento, como estratégia, os rebeldes fecharam o porto de São Luís, diminuindo a oferta de alimentos no Estado. (BOTELHO, 2008, p. 183-184).

Por conta do imbróglio político as paralizações gerais ocorreram entre fevereiro e março de 1951 e entre setembro e outubro do mesmo ano, fazendo com que o álbum do Maranhão levasse alguns meses a mais para ser publicado. (PFLUEGER; FURTADO, 2017). Vinte e oito anos após o lançamento do último álbum de fotografias do Maranhão (Álbum do Maranhão – 1923) executado pelo governo, o Jornalista Miécio Jorge, juntamente com uma equipe de técnicos abrangendo fotógrafos profissionais e amadores, artistas e desenhistas maranhenses, por fim lança em 1952, o “Álbum do Maranhão de 1950” (figura 15).

Figura 15 - Recorte do Jornal A pacotilha – O globo sobre o lançamento do Álbum do Maranhão em 11 de agosto de 1952

Será lançado, até o fim da semana o Album do Maranhão

Trata-se de importante trabalho de autoria do jornalista Miécio Jorge — Outras Notas

Após meditações e extenuante trabalho vai o nosso companheiro de redação jornalista Miécio Jorge lançar, ainda esta semana, publicação, o “Album do Maranhão”, importante trabalho contendo mais de mil clichês de aspectos da capital e das cidades do interior do Estado.

O “Album do Maranhão”, com varias páginas em cores, impressas no Rio de Janeiro, na Grafica Dois de Maio, apresenta bela capa, em policromia, desenho de Milton Luz, representando os principais produtos maranhenses.

Trata-se de um trabalho substancial, impresso em magnifico papel couchê, contendo 352 páginas, tendo sido toda a impressão em preto feita na conceituada Tipografia “A Colegial”, desta praça.

Todos os clichês que ilustram o “Album do Maranhão” foram confeccionados, as policromias, na Fotogravura Carioca Ltda., os demais na firma Gravador Araújo, ambas do Rio de Janeiro.

E, efetivamente, a primeira vez que se publica no Maranhão um Album tão completo, como o que vai ser agora lançado pelo jornalista Miécio Jorge, notadamente na parte que se refere ao interior, de vez que, nesse trabalho, estão representadas todas as cidades do hinterland, as quais foram visitadas por fotografos especialmente contratados para esse fim.

A aquisição do “Album do Maranhão” será feita por intermedio do autor.

Movimento de cheques compensados durante o mês de Julho último

RIO, 9 (M) — O movimento de cheques compensados aumentou em todo o país, em julho último.

Em São Paulo, o acréscimo foi de 53.243 cheques, correspondentes a acima de 1 bilhão e 300 milhões de cruzeiros.

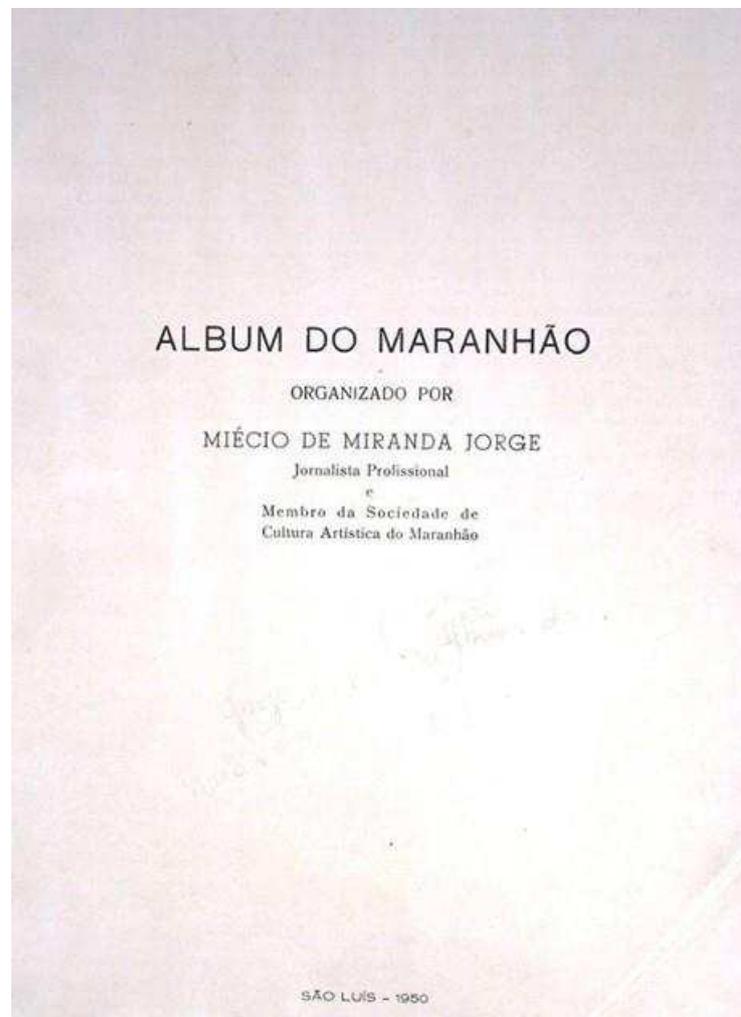
Somente na capital paulista, foram movimentados 418.855 cheques no valor de mais de 16 bilhões de cruzeiros.

No Distrito Federal, foram movimentados 314.693 cheques, no valor de 15 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, sendo o acréscimo aqui de 198.863 cheques, no valor total de 1 bilhão e 240 milhões de cruzeiros.

Fonte: Será... (1952, p. 1)

Feita a publicação, a estrutura do álbum inicia-se em uma lógica temática estabelecida pelo autor em tópicos relevantes de forma a contextualizar o Maranhão como intuito oferecer em seu trabalho uma “visão completa da atualidade maranhense desde a capital às mais remotas sedes municipais do litoral e do sertão” (JORGE, 1950, p. 5). O álbum é composto por 351 páginas contendo uma apresentação bastante eclética escrita pelo próprio autor e um breve histórico sobre o Estado do Maranhão. Embora o álbum tenha sido totalmente idealizado e financiado por Miécio Jorge, não havendo qualquer contribuição financeira governamental, a sua primeira parte trata de apresentar os representantes governamentais como uma deferência do autor (figura 16).

Figura 16 – Contra capa do Álbum do Maranhão de 1950



Fonte: Acervo Pessoal, em 2017

Após essa apresentação política, Jorge (1950) aborda a geografia do Estado, enfatizando os seus rios e exemplificando uma população de 1.600.000 habitantes, em 72 municípios. Hoje o Estado conta com 7.075.181 habitantes distribuídos em 217 municípios. O autor aborda uma breve amostra sobre economia, educação, saúde e o poder judiciário. O autor enfatiza, no intuito de fazer do álbum um cartão de visita do estado, a produção nativa do babaçu – um dos símbolos apresentados na capa do álbum do Maranhão de 1950. O babaçu, na época, apresentava-se como uma das grandes riquezas do Estado. Jorge explica que o Maranhão se mostrava na época como o detentor da maior reserva de babaçuais estimada em dois bilhões de palmeiras em todo o território devido à privilegiada situação geográfica em zona de transição entre a floresta amazônica e o nordeste seco, oferecendo o melhor clima para a conservação das palmeiras.

O economista Holanda (2011) explica que o Estado do Maranhão passou por quatro importantes ciclos. O terceiro ciclo, o do Babaçu, que acontece a partir de 1940 no início do século XX, foi considerado por Getúlio Vargas a salvação do Maranhão, por ser um produto com 100% de aproveitamento. Todavia não alcançou os resultados esperados. Hoje o babaçu ainda se mostra fonte de renda para mais de 1.500 famílias no interior do Estado, porém propriedades privadas têm dificultado o acesso das quebradeiras de coco aos campos de babaçu.

Em uma continuação de contexto histórico, Jorge (1950) comenta sobre o governo de Sebastião Acher apontando construções em seu governo como a Biblioteca Pública e um condomínio de casas concebido pelo Instituto de Previdência do Estado do Maranhão (Ipem). O autor descreve também a capital do Estado, comentando sobre suas atividades culturais dando foco às sociedades literárias e artísticas como o Centro Cultural Gonçalves Dias e a Academia Maranhense de Letras.

Jorge (1950) frisa que o interior do Estado não é diferente quando se trata do interesse nas associações culturais, citando instituições em Caxias, Carolina e Humberto de Campos. O autor intensifica sua fala fortemente nas questões artísticas de forte cunho intelectual e letrado. Vale ressaltar que mesmo sem citar no álbum outras grandes expressões artístico-religiosas como o bumba-meu-boi e o tambor de crioula foram e são até hoje, de grande importância artística e expressiva da nossa sociedade.

O álbum aborda também sobre a linha férrea entre São Luís e Teresina – capital do Piauí, inaugurada em 1921 servindo de grande propósito para o transporte de pessoas até os anos 90 e ao transporte de cargas até os dias de hoje (figura 17).

Figura 17 - Ponte Ferroviária sobre o rio Parnaíba, ligando o Maranhão ao Piauí



Fonte: Jorge (1950)

A partir das informações gerais apresentadas, o álbum começa a trazer fotografias de grande relevância para pesquisas arquitetônicas e urbanísticas. Abordando sobre a cidade de São Luís, o álbum primeiramente apresenta mapas da Ilha de São Luís e da capital, respectivamente; disserta sobre a arquidiocese maranhense e traz fotografias de várias igrejas marcantes da cidade; aborda sobre prédios públicos governamentais; apresenta fotografias de ruas, praças e algumas fotos panorâmicas. Em seguida apresenta fotos de escolas, prédios importantes da capital como a biblioteca benedito leite, o 24º batalhão e o mercado central, e logo após, fotos gerais de praças, ruas, cinemas, prédios coloniais, hospitais e casas residenciais.

Sendo Jorge o idealizador da obra, muitos serviços foram prestados para o álbum. As ilustrações da capa do álbum, bandeira e escudo do Maranhão são de autoria do artista Milton Luz que nos anos 50 produziu outras capas de obras

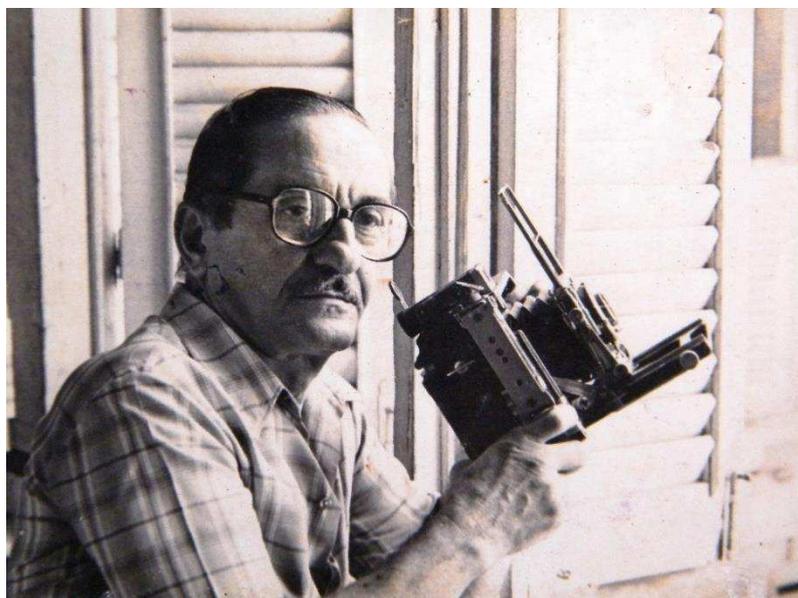
Maranhenses; os mapas presentes no álbum de autoria de Inaldo Goulart e Janai Silva, sendo todos esses artistas, Maranhenses.

As fotografias presentes no álbum são de autoria de um conjunto de fotógrafos profissionais e amadores que juntos constituem o acervo desta obra. Infelizmente poucas são as fotografias que contêm a autoria assinalada levando a apresentar os créditos para as imagens de forma coletiva.

Dos fotógrafos amadores destacam-se: João Silva, que excursionou pelos municípios da zona do Tocantins; Francisco Albuquerque, Sebastião Zaque Pedro, tenente Manoel de Jesus e Silva, padre Newton Pereira, Jaime Aranha e Osvaldo Paraíso sendo ele, autor de algumas das fotografias de paisagens naturais presentes no álbum. Dos fotógrafos profissionais, contribuíram com a edição fotógrafos profissionais como José Mendonça, J. Amorim e Manoel Dutra que percorreu cerca de sessenta municípios cujas fotos estão presentes no álbum (JORGE, 1950).

Destaca-se a participação de Dreyfus Azoubel (figura 18), que desde jovem, apresentava interesse pela química e pela fotografia, seguindo os aprendizados do pai, Leão Menagem Azoubel. “Considerado o primeiro repórter-fotográfico da imprensa maranhense aos doze anos de idade, foi também o mais antigo fotógrafo em exercício até o seu falecimento” (AZOUBEL, 2017, p. 1).

Figura 18 - Dreyfus Azoubel na década de 90 segurando a sua câmera Speed Graphic



Fonte: Acervo de Uziel Azoubel

Com os trabalhos de fotojornalismo para os jornais “*O imparcial*” e “*A Pacotilha – O Globo*” a amizade entre Azoubel e Jorge nasce, e o fotógrafo é convidado a participar da confecção do Álbum (figura 19).

Figura 19 - Recorte do jornal A pacotilha o Globo edição datada de 22 de maio de 1950



Fonte: Primeiras... (1950, p. 4)

No recorte da publicação destaca-se que:

Como noticiou 'O IMPARCIAL', partiu ontem, rumo às cidades da Estrada de Ferro São Luís-Teresina o nosso companheiro de redação Miécio Jorge, secretário do prefeito Costa Rodrigues. Em sua companhia seguiu também o fotógrafo profissional Dreyfus Azoubel, ambos a serviço do 'Álbum do Maranhão', devidamente credenciados pelo governo do Estado. Em sua primeira excursão para a colheita de dados e aspectos fotográficos destinados àquele importante documento da atualidade maranhense, Miécio Jorge está visitando as cidades de Rosário, Itapecuru, Coroatá, Timbira, Codó, Caxias e Timon. (PRIMEIRAS..., 1950, p. 4).

Além de compreender que juntos, os dois viajaram para as cidades situadas à margem da linha férrea para a elaboração de muitas das fotografias do Álbum, a publicação ainda cita as cidades visitadas podendo ter a confirmação que as fotografias destas cidades foram feitas por Azoubel.

3.2 O autor

Miécio Jorge destacou-se no cenário maranhense da década de 50 do século XX como jornalista. Nascido no dia 28 de fevereiro de 1912 em Cururupu, interior do Maranhão, vem a São Luís na busca por emprego e educação. Coursou até o que hoje em dia corresponde ao ensino médio e iniciou o seu trabalho em jornais ainda jovem; o empenho nessa trajetória leva-o, anos depois, a fundar o jornal “*A pacotilha*”¹, onde além de dono exercia o cargo de diretor do jornal, sempre com o intuito de contribuir com a modernização da imprensa no Maranhão, passando noites em claro para que o jornal sempre estivesse pronto para ser publicado.

Miécio escrevia sobre assuntos diversos e como exímio jornalista buscava constantemente entrevistar autoridades que passavam por São Luís e sempre com o intuito de divulgar em primeira mão as notícias e eventos da cidade. O jornalista, além de primar pela informação, apreciava a cultura e era membro da Sociedade de Cultura Artística do Maranhão.

Na década de 50, Miécio Jorge vende o jornal “*O Globo*” para o comandante da comunicação no Brasil, Assis Chateaubriand², e este passa a integrar os *Diários Associados* com o nome de “*Pacotilha - O globo*”. O jornal abordava notícias policiais e políticas de São Luís e, também, a política do mundo internacional. Anos após, Miécio Jorge passa a ser diretor de redação do jornal “*O imparcial*”, fundado em 1926 pelo político e jornalista João Pires Ferreira conhecido como J. Pires.

O seu grande papel no ramo da comunicação foi um caminho traçado com o fruto do autodidatismo visto que naquele tempo não se tinha faculdade de comunicação. A partir do momento em que a profissão de jornalista é oficializada, Miécio Jorge recebe sua carteira de jornalista de numeração 01, recebendo a primeira carteira de jornalista do Maranhão. Passados 35 anos de sua carreira no mundo da comunicação o jornalista deixa o campo da imprensa e toma posse como ministro do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão e logo após como vice-presidente do Tribunal (figura 20) (informação verbal)³.

¹ Miécio Jorge foi fundador do jornal *A Pacotilha*, onde exerceu o cargo de chefe de Redação.

² Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, mais conhecido como Assis Chateaubriand ou Chatô foi um jornalista, escritor, advogado, empresário e político brasileiro. Destacou-se como um dos homens públicos mais influentes do Brasil entre as décadas de 1940 e 1960.

³ Informação fornecida por Sonia Tereza Nahuz, filha de Miécio Jorge, em São Luís, em 2018.

Figura 20 – Imagem colorizada do Jornalista Miécio Jorge, 1950



Fonte: Acervo Pessoal, em 2017.

Em 1975, no dia 25 de dezembro, Miécio vem a falecer por conta de um infarto deixando um grande legado no ramo da comunicação e o maior documento sobre a arquitetura e o urbanismo moderno em São Luís. Em 28 de Abril de 1997, na lei 3599/97 art. 1, a rua que se chamava Avenida do Vale passa a ser chamada de Avenida Jornalista Miécio Jorge como uma homenagem ao periodista (PFLUEGER; FURTADO, 2017).

Miécio deixa o ilustre “*Álbum do Maranhão de 1950*” como uma relíquia para os pesquisadores e frisa seu esforço para entregar uma documentação de qualidade:

Contudo, conforta-me a evidência de que o presente Álbum chega ao público com uma ideia muito mais ampla da atualidade maranhense do que foi o de 1923. Cumpre salientar ter sido aquele publicado por iniciativa oficial do governo do Estado, encarregando-se o seu organizador, para isso largamente remunerado, apenas da execução da obra, enquanto o que ora edito é de iniciativa particular. Não obstante isso, o Álbum do auditor A. Cavalcanti Ramalho estampou somente duzentos e trinta clichés e poucos sobre o interior. Agora, no ‘Álbum do Maranhão’ apresento cerca de mil e duzentos clichés, todos confeccionados nas melhores casas do gênero, no Rio, e contendo vistas não só da capital, como de todos os municípios do Estado. (JORGE, 1950, p. 5).

É por legados como o deixado por Miécio Jorge com o intuito de produzir vasto conhecimento histórico que torna hoje a pesquisa possível. O apreço que Miécio

apresenta no Álbum sobre a produção dessa obra, o esforço feito pelo autor para estar presente na produção de grande parte das fotografias ao lado de Dreyfus Azoubel e a insistência na publicação, mesmo com as dificuldades políticas e sociais do cenário da época refletem no valor que o autor dedica ao se tratar do seu trabalho.

Álbuns de fotografia que retratam a cidade, em especial o Álbum do Maranhão de 1950, compõem um vasto acervo de pesquisa e catalogação da arquitetura e do urbanismo das cidades. É por documentações em imagem como essas que podemos constatar uma visão da cidade em um momento posterior, percebendo os detalhes arquitetônicos e compreendendo a cidade como já foi um dia. O álbum de 1950 retrata o início do que se entende como a arquitetura moderna na cidade de São Luís.

4 COMPARAÇÃO DO MAPA DE SÃO LUÍS EM DE 1950 E COM O DE 2020

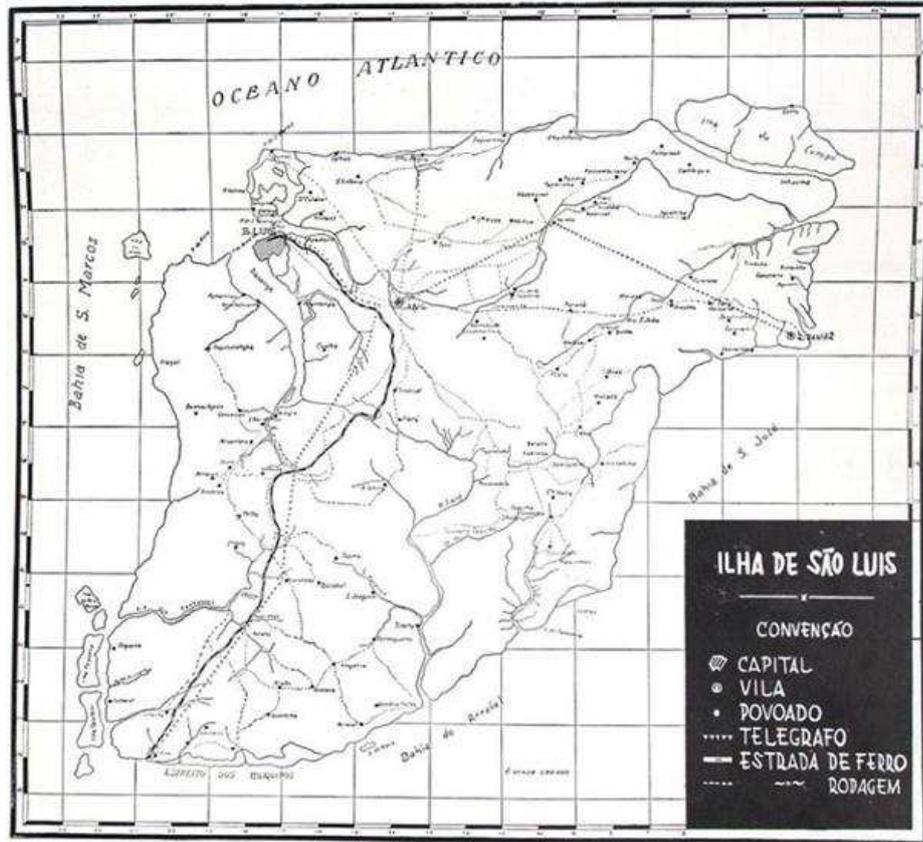
Esse capítulo tem como intuito apresentar uma comparação entre os Mapas de São Luís de 1950, presentes no Álbum do Maranhão de 1950, produzidos pelos desenhistas Janai Silva (mapa da cidade) e Inaldo Goulart (mapa da ilha) e mapas da ilha e da cidade em 2020 elaborado nos moldes dos mapas de 50, obedecendo os limites apresentados nos mapas antigos, produzido pela autora deste presente trabalho. A comparação tem o intuito de observar as diferenças ocorridas ao longo de 70 anos e as permanências que podem ser identificadas no recorte em questão.

Para teorizar essa comparação do recorte da cidade presente no mapa de 1950 com 2020, será utilizada como teoria os cinco pontos de Lynch (2018) – bairros, vias, cruzamentos, limites e marcos, com o intuito de compreender os pontos de maior importância da cidade em recorte. Para o entendimento do contexto em questão, é possível pelo mapa da Ilha de São Luís desenhado por Inaldo Goulart e extraído do Álbum do Maranhão, como era entendida a Ilha na década de 50 e o que ela é atualmente, observando o mapa de 2020.

A Ilha de São Luís em 1950 (figura 21) denominava o perímetro de sua capital apenas pelo o que hoje conhecemos como o centro histórico da cidade. Além disso, o que hoje se comporta como bairro, antes era visto como vila ou até povoado. O que antes se compreendia como a estrada de ferro que ligava São Luís diretamente a Teresina se torna obsoleto com o tempo dando maior a estrada de rodagem, intitulada hoje de BR-135, sendo a única estrada que liga a Ilha de São Luís ao continente.

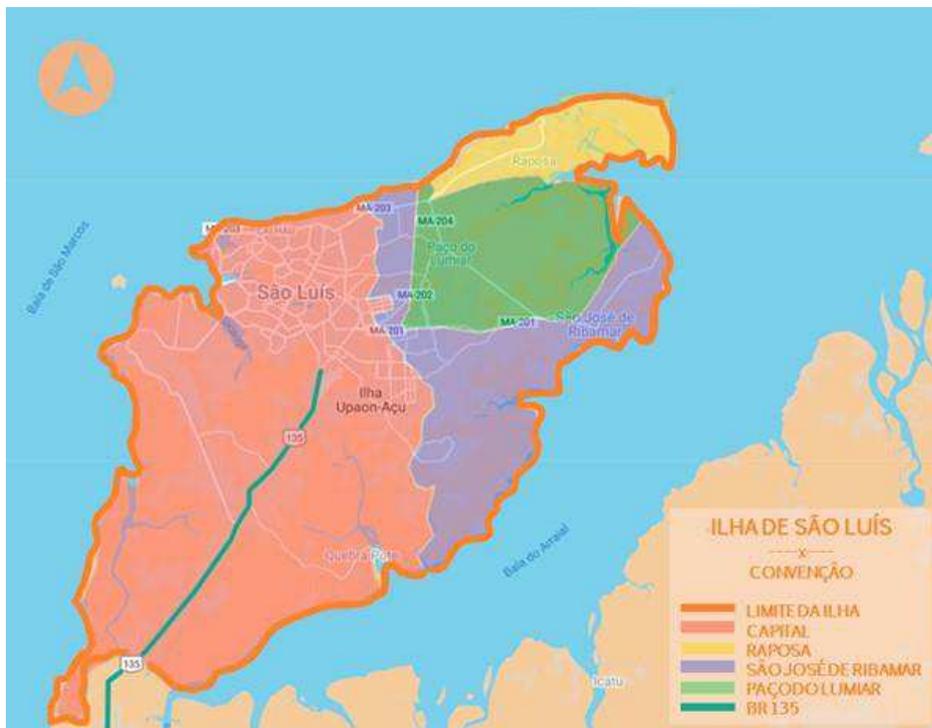
Com o crescimento da Ilha, a capital do Maranhão passa a ter um perímetro muito maior do que o que é visto no mapa de 1950. Além disso, novos municípios são acrescidos no perímetro da Ilha. São José de Ribamar, várias vezes decretado município ou anexado a São Luís entre 1943 e 1952, possuindo a delimitação existente hoje apenas em 1959 quando o distrito Paço é desmembrado do Município de São José de Ribamar, formando hoje o município de Paço do Lumiar. Só em 1994 o distrito da Raposa é elevado à categoria de município podendo assim observar essa delimitação até hoje.

Figura 21 – Mapa da Ilha de São Luís, Maranhão na década de 50



Fonte: Jorge (1950)

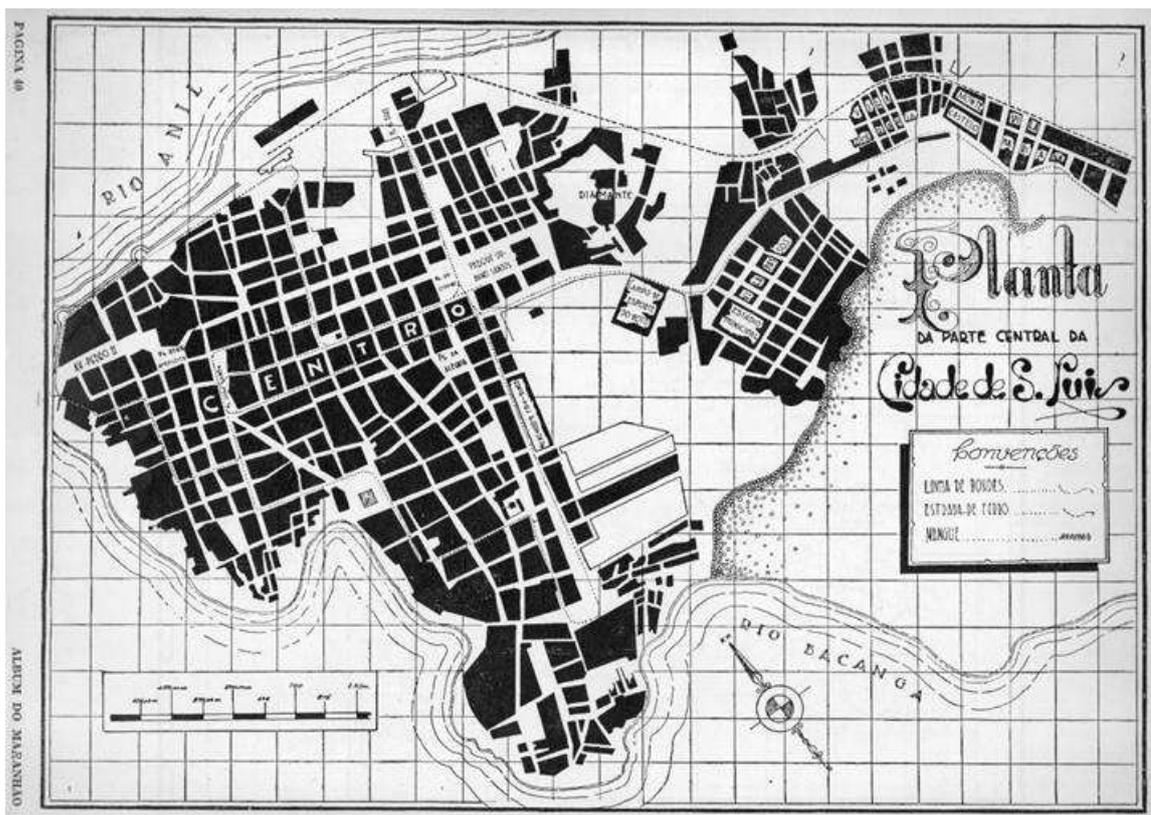
Figura 22 - Mapa da Ilha de São Luís, Maranhão no ano de 2020



Fonte: Adaptações da autora de My maps, em 2020

Analisando agora o mapa (figura 23), presente no *Álbum do Maranhão*, da cidade de São Luís – atualmente o centro da cidade, é possível compreender como a urbanização ainda era recente, compreendendo poucos *bairros* como o Centro, o bairro do Diamante, Vila Passos, Vila Operária, Monte Castelo e Vila Mariana. Todos esses *bairros* ainda levam o mesmo nome exceto a Vila operária e a Vila Mariana que hoje ambas fazem parte do perímetro do bairro do Monte Castelo e Fabril.

Figura 23 - Planta da cidade de São Luís do Maranhão, 1950



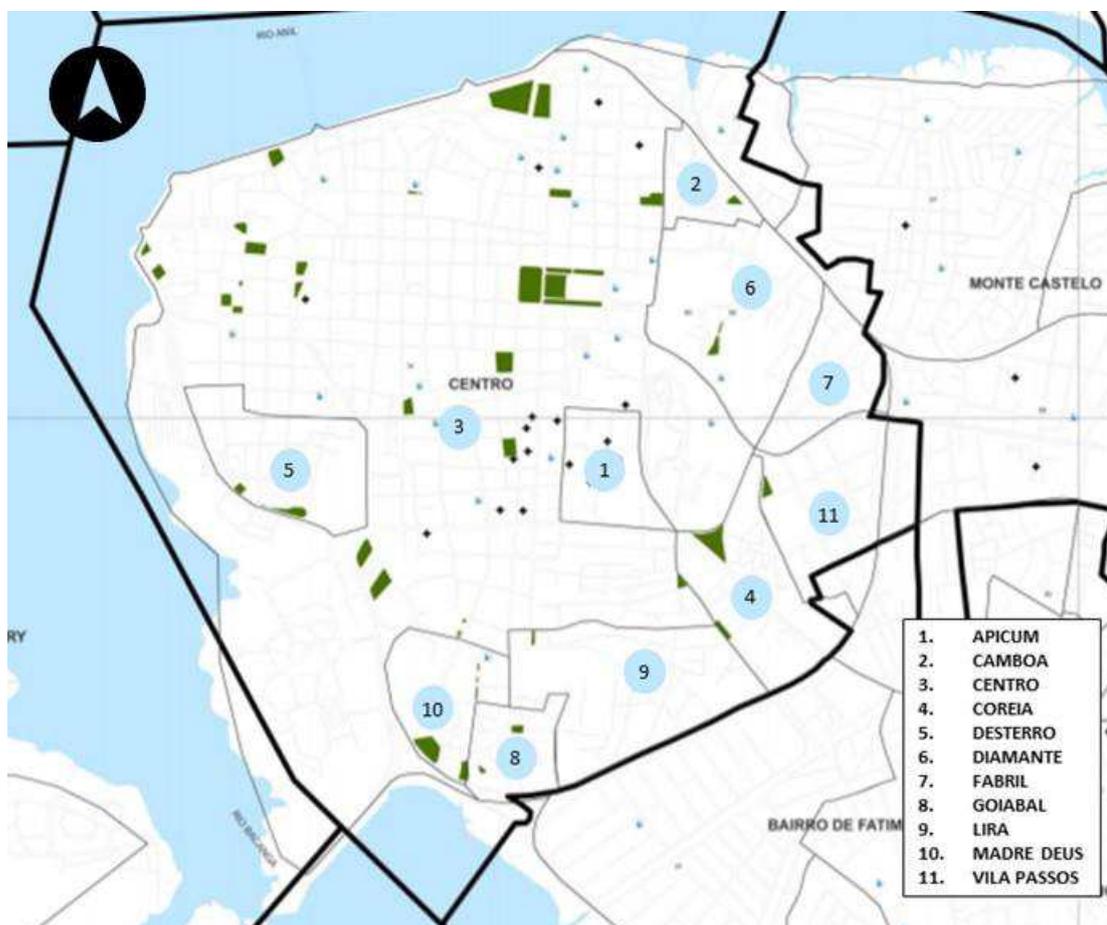
Fonte: Jorge (1950). Mapa Desenhado por Janai Silva

Ao fazer comparação com a cidade atual atenua-se a expansão que a cidade sofre no período de 70 anos, com a denominação de mais de 200 *bairros* (São Luís – Uma Leitura da cidade, 2006). Segundo Lynch (2018, p. 75), “As características físicas que determinam os bairros são continuidades temáticas que podem consistir numa infinita variedade de componentes: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia”. A forma que antes se delimitava por 6 bairros e muitas vilas, se mostra hoje em inúmeras variedades desde bairros históricos até ocupações que se legitimaram como

tal. Atualmente (figura 24) o recorte em questão abrange 11 bairros desenvolvidos entre as décadas de a década de 50 e 60 e reconhecidos como grandes espaços da cidade. O bairro da Madre Deus, por exemplo, possui documentos do historiador César Augusto Marques, que relata construções datadas de 1713, de uma pequena capela para Nossa Senhora da Madre de Deus que indaga o motivo do nome ao bairro, possuindo cultura e histórias que são lembradas até os dias atuais.

A percepção do mapa atual demonstra que a maioria dos novos bairros delimitados se colocam no limite da cidade da década de 50. O que era uma cidade inteira antes, passa a ocupar o local de centro da cidade permanecendo em sua função de atender as demandas de serviços para a população.

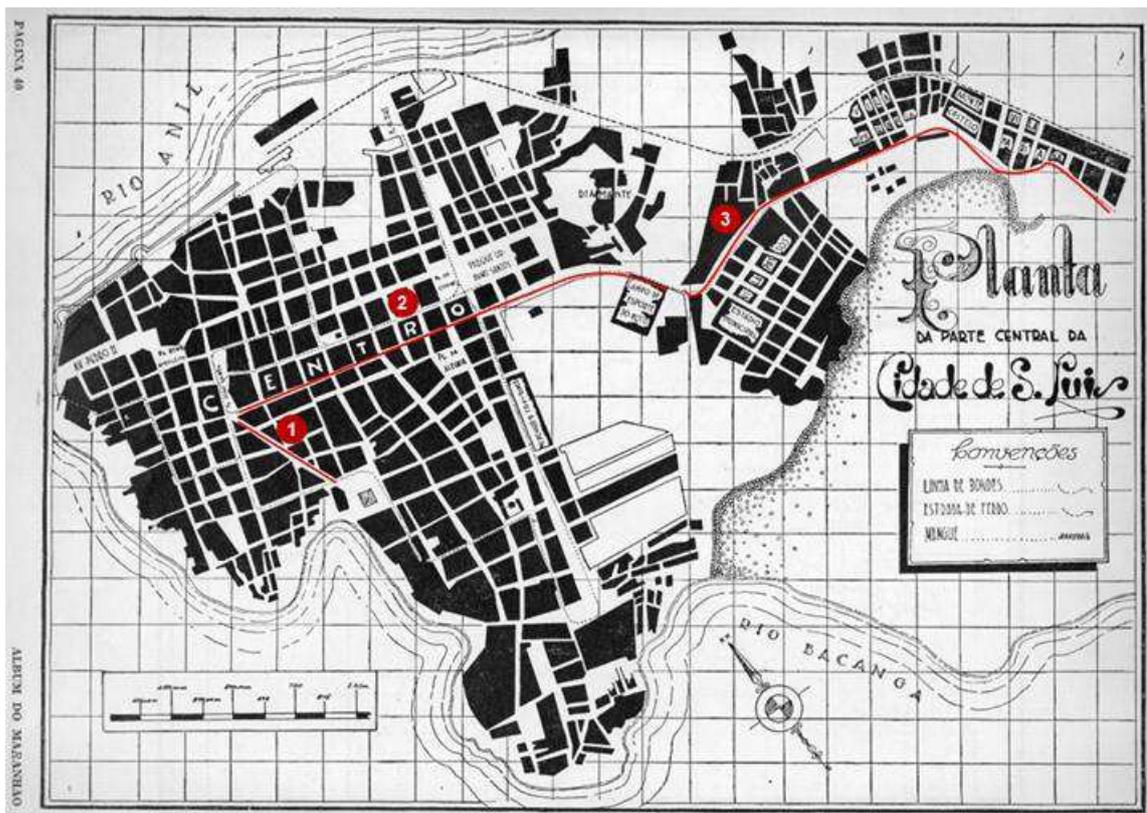
Figura 24 – Recorte do distrito Centro, 2013



Fonte: Adaptado pela autora a partir de São Luís (2013)

e dava espaço a modernidade com largos boulevards e um plano de higienização da cidade. Essa intervenção refletiu no Brasil no início do século XX com as transformações no Rio de Janeiro com o intuito de “tirar o Brasil de seu sono colonial” (RODRIGUES; MELLO, 2015, p. 21). Em consequência destas transformações, de modesta forma, as intervenções ocorridas na Avenida Magalhães de Almeida (item 1 do Mapa da figura 26) em São Luís são um retrato de repetição desse modelo.

Figura 26 - Planta da cidade de São Luís delimitando as *vias*



Fonte: Jorge (1950). Mapa Desenhado por Janai Silva e adaptado pela autora

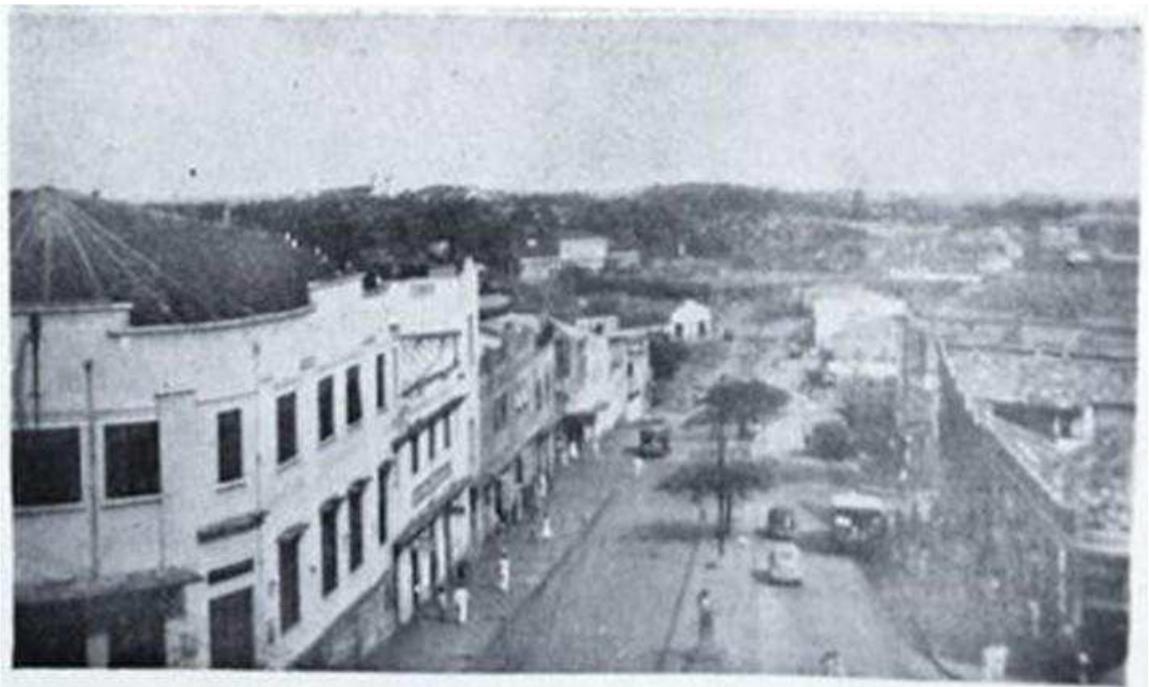
Das principais modificações da malha urbana, a construção da Avenida Magalhães de Almeida (1) (figura 26) é a que mais chama a atenção por instituir um rasgo na malha da “cidade proporcionando assim um traçado em diagonal rompendo com a urbanização do século XIX e abrindo espaço para a urbanização modernista” (GRETE; FURTADO, 2017, p. 75).

A construção da Avenida é fruto do programa de reforma e construção de estradas elaborado pelo governador (1936 – 1937 e posteriormente interventor federal (1937 – 1945), Paulo Ramos, que trouxe novos ideários urbanos para a cidade de São

Luís demolindo construções coloniais e dando espaço a novas edificações que seguissem um padrão de tipologia (figura 27). Segundo Feitosa e Pflueger (2008, p. 9),

[...] os registros históricos não datam ao certo o início das obras de construção da Avenida, sendo que o começo das demolições acontece por volta do ano de 1940 (conforme destacado nos relatórios do interventor Paulo Ramos) e o início da construção propriamente dita da Avenida iniciou-se no dia 30 de maio de 1941.

Figura 27 –Avenida Magalhães de Almeida



Fonte: Jorge (1950)

Com a mudança na malha urbana ocorreram conseqüentemente as mudanças na arquitetura, abrigando edificações de novas linguagens como art déco, eclético e moderno. A fotografia da avenida Magalhães de Almeida apresenta ainda uma São Luís em transformação com poucos prédios ao longo da avenida de vegetação recente apresentando arquiteturas de tipologia *art déco*. Foi nesse momento na década de 40 em que a cidade explica que seu art déco não é composto por aço e bronze, e sim focado nas linhas retilíneas no sentido vertical e a sua curvatura acompanhando a angulação da esquina da rua no seu sentido horizontal.

Com o tempo, a importância de um legado arquitetônico de diferentes estilos foi ganhando seu valor, chegando a ser denominado Patrimônio Mundial da Unesco em 1997. A partir desse advento, concentrou-se pesquisas e catalogações para a proteção deste acervo pelos órgãos federais, estaduais e municipais.

Outra intervenção urbana importante – também no mandato de Paulo Ramos, foi a conexão da rua Oswaldo Cruz (2) (figura 26), conhecida como Rua Grande, com a rua que antes era conhecido por Caminho Grande levando em 1942 o nome de Avenida Getúlio Vargas (3) (figura 26), vindo a ser uma extensão da Rua Oswaldo Cruz. Essas duas vias na década de 40 proporcionaram à cidade a ligação entre o centro e as localidades interioranas que estavam no processo de novos assentamentos buscando a expansão da modernidade que acontecia na cidade. Com o intuito de implantar novas normas sanitárias e novas arquiteturas essa expansão leva famílias, empresas e indústrias a se deslocarem para essa localidade. Como continuidade da expansão a Avenida Getúlio Vargas vem a se conectar com a Avenida João Pessoa, localizada no bairro do João Paulo. A união das vias define um novo eixo de expansão na cidade que tende a crescer ao longo dos anos.

Essas transformações urbanas representam a ideia de *vias* elaborado por Lynch (2018, p. 55). “Certas vias podem tornar-se características importantes, de muitas maneiras diferentes”, as largas e extensas avenidas agora, com seus usos e atividades dispostos nesses novos eixos, representam a ideia de evolução do comércio e do cotidiano e “também são importantes para a identidade do sistema viário”.

As figuras 28 e 29 mostram um momento da São Luís da década de 50, que tinha a intenção de se tornar mais moderna e automotiva, na tentativa de se desvincular do aspecto de cidade colonial que a cidade possuía em peso. As novas avenidas proporcionavam a criação de novas edificações fugindo dos tradicionais casarões e sobrados, buscando se adequar as cidades modernas.

Figura 28 - Rua Oswaldo Cruz



Fonte: Jorge (1950)

Figura 29 - Avenida Getúlio Vargas



Fonte: Jorge (1950)

Dando continuidade à análise da cidade podemos agora sobrepor o mapa dos anos 50 com o mapa de 2020 e identificar algumas mudanças no que Lynch (2018, p. 69) intitula como *limites*. “Limites são os elementos lineares não considerados como ruas; são geralmente, mas nem sempre, as fronteiras entre dois tipos de áreas. Funcionam como referência os laterais”.

A questão relacionada a *limite* mais marcante, é o crescimento da cidade tanto em seu contexto viário como principalmente na expansão territorial por meio de aterramentos, modificando o perímetro da ilha. Utilizando o Mapa da cidade presente no álbum do Maranhão (figura 30), apesar de ser um mapa menos exato, as linhas que compõem as vias primárias da cidade se encaixam quase que perfeitamente com as vias dos dias atuais. A expansão territorial como o limite da ilha e do Rio Bacanga se modificou ao longo dos anos, além da expansão urbana no território já existente.

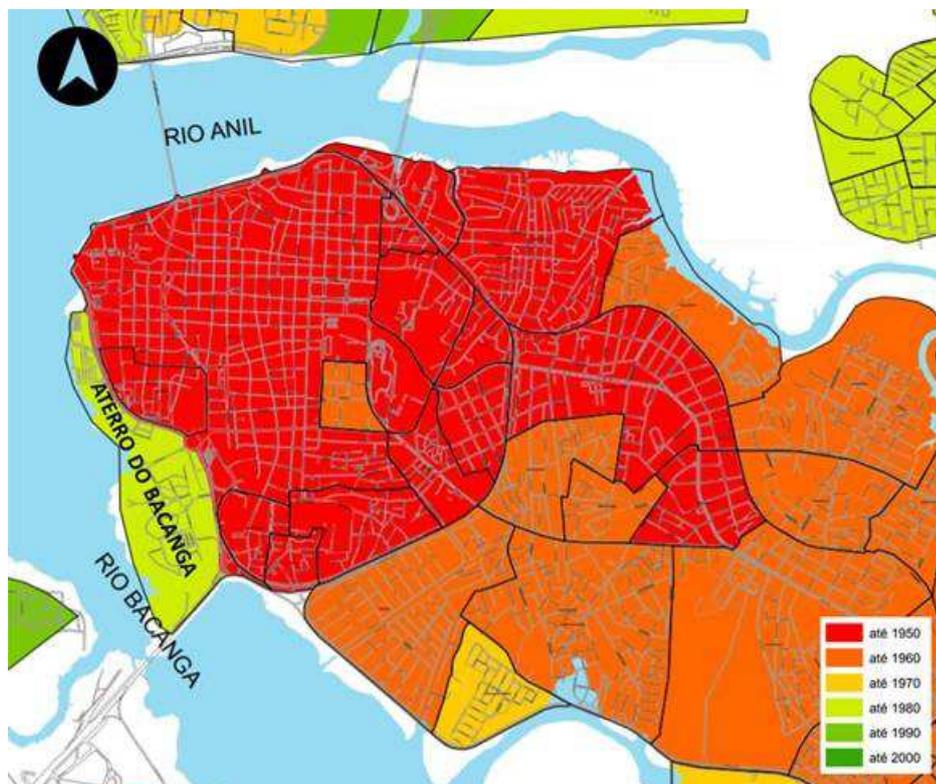
Figura 30 - Mapa do centro de São Luís em 1950 (em preto) e Mapa de 2020 (em bege)



Fonte: Jorge (1950) e My Maps, com adaptações da autora

Abordando a área colorida em laranja, que antes era entendida como mar, tem como motivo de expansão o aterro do Bacanga. Com a intenção de aproximar o centro histórico da cidade com o porto do Itaqui reduzindo uma distância de 36km para 9km, decidiu-se pela construção do aterro que serviria como uma ponte de acesso e uma barragem (Barragem do Bacanga) para a construção de uma usina maremotriz que não teve sua construção concretizada permanecendo apenas como uma barragem para armazenamento de água. Assim como o Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, buscava a expansão de áreas de renovação urbana, o aterro do Bacanga serviu também como uma necessidade para a construção do anel viário, que veio a servir como descongestionamento do trânsito da cidade de São Luís, com início da obra no começo dos anos 70. O projeto do aterro teve sua elaboração entre 1966 e 1967, com a construção, segundo Fonseca Neto (2003, p. 76) “entregue em 05/04/1989; mais de 90 mil dos 550 mil metros quadrados que integram o aterro do Complexo Hidroviário ficaram prontos e foram entregues à Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas (Setop) para proceder a urbanização da área” (figura 31).

Figura 31 - Mapa da expansão urbana de São Luís de acordo com as décadas de 50 até 2000



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Espírito Santos (2006)

O trecho do aterro do Bacanga compreende desde o terminal hidroviário até o Canal do portinho. Atualmente além dos locais já citados o aterro é composto do terminal da praia grande, um estacionamento, o mercado do peixe entre outros comércios locais. A construção do aterro proporcionou novas possibilidades para a cidade, dando continuação a sua expansão urbana.

Proporcionando um ponto de vista peculiar, a fotografia tem como o ponto do observador o último andar do palácio do comércio. Com essa visão da cidade podemos compreender essa fotografia como um importante elemento de entendimento da cidade (figuras 32 e 33).

Figura 32 - Vista da Rua da Estrela feita do Palácio do Comércio



Fonte: Jorge (1950)

Figura 33 - Vista atual da Rua da Estrela feita do Palácio do Comércio



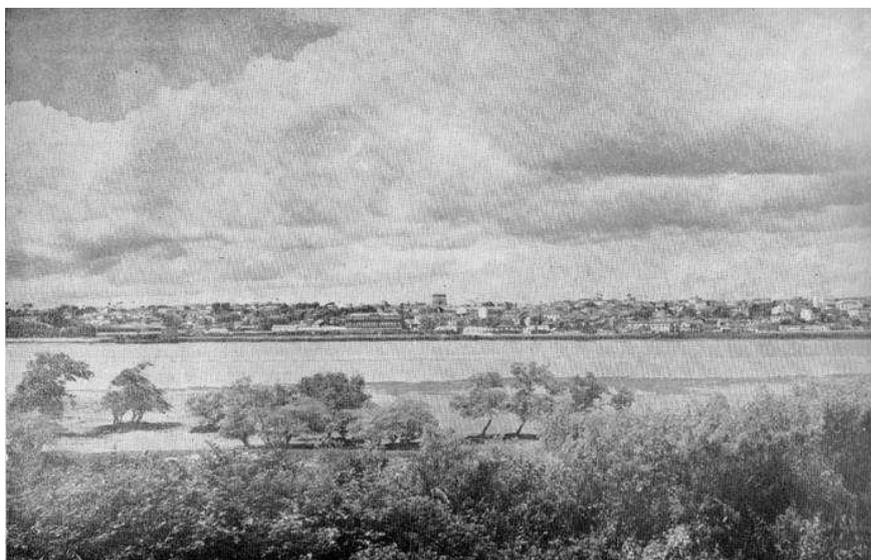
Fonte: Produzida pela autora, em 2020

Nessa fotografia os elementos presentes não negam o endereço da imagem: a Rua da Estrela. Mesmo sendo o penúltimo plano da fotografia as torres da antiga fábrica - onde atualmente se encontra o prédio da faculdade de arquitetura, são os elementos que primeiro chamam a atenção do observador pois mesmo sendo uma estrutura esguia se destacam por serem os elementos mais altos na composição. Em seguida chama a atenção o reconhecível prédio da câmara municipal de São Luís. Em um enquadramento do observador avistando tantos telhados, o prédio acaba chamando o olhar e a fotografia acaba por nos direcionar para todo o lado direito da imagem gerando um último foco no braço de mar que emoldura a paisagem. Com a comparação da fotografia atual podemos compreender a expansão territorial que a cidade sofreu. O que era mar, abrigando as embarcações do antigo portinho no plano (da fotografia) posterior ao das chaminés, agora é possível observar a terra firme urbanizada e vegetada confirmando a expansão territorial da cidade advinda do aterro do Bacanga.

Em outra comparação de fotografias de 1950 e 2020 (figuras 34 e 35) podemos perceber algumas mudanças no *skyline* de São Luís elencando a, ao conceito de *marcos* criado por Lynch (2018). Segundo o teórico:

[...] a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único memorável no contexto. Os marcos se tornam mais fáceis de identificar e mais passíveis de ser escolhido por sua importância quando possuem uma forma clara, isso é, se Contrastam com o seu plano de fundo e se existe alguma proeminência em termos de sua localização espacial. (LYNCH, 2018, p. 88).

Figura 34 - Vista atual do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Figura 35 - Vista do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco



Fonte: Jorge (1950)

Para Lynch (2018, p. 88), os marcos são considerados elementos marcantes na paisagem “cuja escala pode ser bastante variável”. No quadrante número 01 (figura 35) é possível observar a existência de uma edificação que não está presente no *skyline* dos anos 50 (figura 34). O edifício caiçara, marco da arquitetura moderna residencial inaugurado na década de 60 foi o primeiro arranha-céu da cidade. Acompanhando o conceito do qual o antigo deveria dar lugar ao novo o edifício de uso misto (residencial e comercial) teve um grande impacto na sua construção por ocupar o local da Igreja da Conceição, datada do final do século XVIII.

Seguindo a numeração, quadrante 02, podemos perceber outra edificação imponente. O edifício do Banco do Estado do Maranhão (BEM). Construído na década de 70, o edifício que fora inserido em uma área de tombamento Federal, é conhecido como um marco da arquitetura moderna na cidade histórica por conta de suas linhas retas e bem definidas, uso do vidro em sua fachada e a instalação de um mural, na fachada cega da edificação, produzido pelo artista Antônio Almeida. Além disso, a altura de 12 pavimentos (incluindo o subsolo) confirma a altitude da edificação modificando a paisagem ludovicense.

O quadrante 03, trata-se da ponte Governador José Sarney. Inaugurada também na década de 70 a ponte trouxe um novo olhar da “cidade antiga” para a “cidade nova”.

Nos termos usados no jornal a construção da ponte trazia a ideia de conectar “a cidade de Lá Ravardière com a vilinha de São Francisco, fundada a uns oito anos atrás, no dia 31 dêste” (CLEVIEGAS, 1970, p. 8). Ainda na reportagem, o autor comenta que a ponte “será inaugurada para dizer a essa geração e a gerações futuras do seu incomensurável valor – uma obra que no passado foi utopia e no presente é uma realidade crua e nua”. Ao final da redação o autor conclui com uma ficha técnica sobre a ponte ressaltando a instalação de 35 postes com iluminação em mercúrio, passagem para cabos de alta tensão e sistema de tubulação de água (figura 36).

Figura 36 - Recorte do Jornal do Maranhão sobre a Inauguração da Ponte do São Francisco

Itapoã Vai Entregar:

A PONTE DE SÃO FRANCISCO

Texto de Cleviegas.

Graças ao dinamismo e a uma visão dos problemas sociais com que se tem empenhado o Governo Sarney, aí vem, no fim dêste mês, uma das mais famosas obras do Maranhão Novo — A PONTE DE SÃO FRANCISCO. A ponte sobre o rio Anil, que liga a cidade de La Ravardière com a vilinha de São Francisco, fundada há uns oito anos atrás, no dia 31 dêste, será inaugurada para dizer a esta geração e a gerações futuras, do seu incomensurável valor — uma obra que no passado foi utopia e que no presente é uma realidade crua e nua.

FOI TURU QUE COMEU
Recordar o passado é sonhar duas vezes. Mas foi no passado que o compositor e músico JOÃO CARLOS Dias Nazari, homem que adquiriu “um terreninho do outro lado”, sentiu a necessidade e começou a preocupar-se com A PONTE. Inspirado diante de certas verdades degradantes e vicejantes, naquele passado de uns quatro anos atrás, compôs o rojão “Foi Turu”, muito tocado em festas populares dos nossos bairros e até nos chamados clubes sociais da cidade.

E um rojão simpático, meio acelerado e quente — aí está a letra:

Nunca vi bicho danado
Que come barco parado
Que come maquieta em pe
Comte PONTE DE MADEIRA

A ponte terá uma exten-

atividade e pelo crédito — mostrando que sua ponte de cimento, turu da maré não vai comer.

E NÃO É SO ISSO
É claro que não. A construtora Itapoã ainda está empenhada em outras obras de grand- destaque, como é o caso da construção do Centro de Formação Profissional do SENAC — obra que fica localizada à rua do Passeio, em frente ao velho Hospital do Pronto Socorro. É um prédio com 3 pavimentos e 20 salas de aula.

CONVERSA
Irlinda Correia Lima

Neste primeiro contato com os meus novos amigos do “Jornal do Maranhão”, atendendo a um convite

variação dos assuntos. Creio poder afirmar que prenderão a aten-

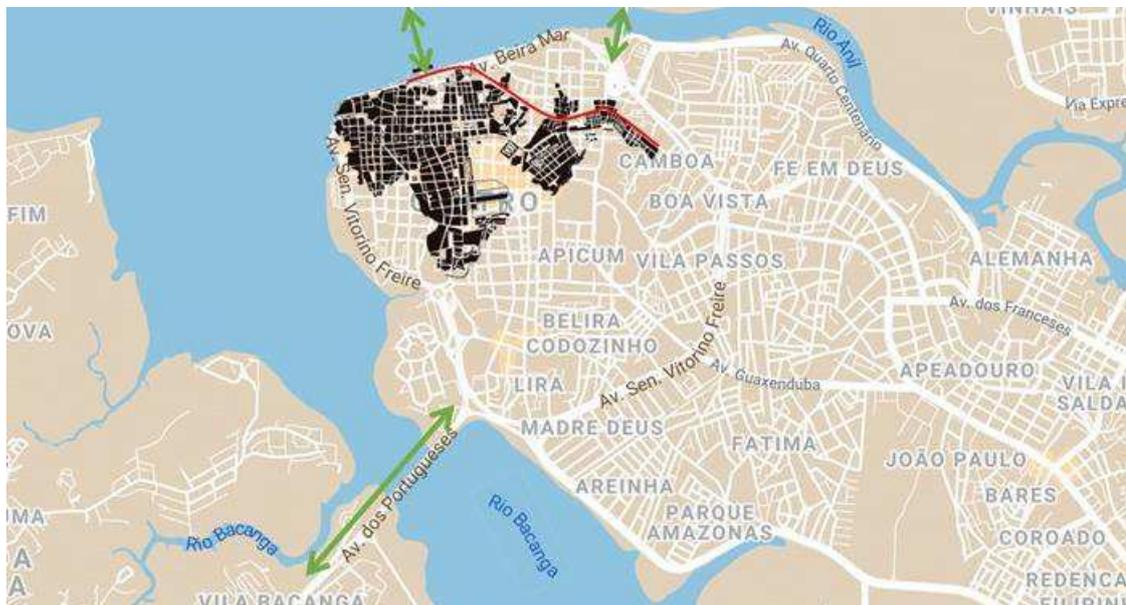
ção do tema inspirador. Nesta primeira

Fonte: Cleviegas (1970, p. 8)

A construção da ponte do São Francisco marca um início da expansão de interligação viária. Segundo Burnett (2006, p. 133) “[...] possibilitava o acesso de pedestres ao outro lado do rio Anil, a ponte se transforma em elemento de conexão

do antigo com o novo e representou, efetivamente, a única expansão do período como adição ao tecido urbano preexistente.” Modificando o eixo de crescimento urbano, a Ponte ofereceu mais conexões na cidade nos levando ao último ponto, os pontos nodais. Para Lynch (2018, p. 80), pontos nodais “são focos estratégicos onde o observador pode entrar, são tipicamente, conexões de vias ou concentrações de alguma característica” (figura 37). Com essa declaração podemos compreender os pontos nodais da cidade como as pontes que se conectam do centro para outras localidades e por consequência, a expansão da malha urbana de São Luís.

Figura 37 - Mapa do centro de São Luís em 1950 (em preto) e Mapa de 2020 (em bege) indicando em verde os *pontos nodais*



Fonte: Jorge (1950) e My Maps, com adaptações da autora

Após as intervenções Elaboradas por Saboya Ribeiro no mandato de Paulo Ramos; com a criação de novos eixos de expansão; com a construção de edificações modernistas na década de 60 e 70 que moldaram um novo *skyline* para a cidade, “o adensamento de atividades causa congestionamentos no traçado urbano tradicional limitado, trazendo à luz mais uma vez a necessidade de planejar a ocupação dos territórios para além do centro” (SÁ NETO, 2019, p. 47-48). É nesse momento que se inicia o pensamento de desenvolvimento da cidade com o “Plano de Expansão da Cidade de São Luís” (PECSL) elaborado por Ruy Ribeiro de Mesquita no final da década de 50. É no seu breve mandato como prefeito de São Luís em 1962 que

Mesquita põe os seus ideais em prática implementando o seu plano urbanístico (figura 38).

Figura 38 - Plano de Expansão da cidade de São Luís elaborado por Ruy de Ribeiro Mesquita



Fonte: Mesquita (1958, p. 3)

Assim, a cidade vai se expandindo ao que se mostra hoje. Com as diferentes expansões da cidade novas características foram criadas: um mar que antes ia de encontro ao mercado central da cidade, hoje se encontra a mais de 600 metros de distância dando um novo sentido ao local quando construído o Mercado do

Peixe e o Portinho; a expansão também traz a intenção de motorizar a cidade, com a certeza de que urbanização e transportes motorizados seriam sinônimo de modernidade e desenvolvimento; a interligação de vias e a criação de um anel viário que contorna o centro da cidade almejavam uma realidade inovadora; a construção de pontes que aproximassem os demais territórios da Ilha buscaram uma “cidade nova” para popular. A expansão de São Luís ao longo do tempo deixa de tentar mudar uma cidade colonial de traços portugueses e passa a procurar a sua própria identidade local, mesmo que baseada em referências estrangeiras - como construções coloniais e o urbanismo europeu. A cidade constrói sua personalidade ao longo de suas transformações.

5 ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DE SÃO LUÍS A PARTIR DA COMPARAÇÃO DE IMAGENS DE 1950 COM AS DE 2020

A escolha das fotografias do *Álbum do Maranhão de 1950*, elaborado por Miécio Jorge teve como primeiro recorte o centro histórico de São Luís. Nesta pesquisa, levou-se em consideração quais imagens seriam mais relevantes para a compreensão da paisagem urbana e que incluem prédios institucionais, praças e avenidas. Considerando que a análise da paisagem urbana será feita através da teoria de Cullen (2018), a partir dos três aspectos a ótica, o local e o conteúdo – que foram sintetizados anteriormente no presente trabalho. Além disso na análise a partir dos aspectos ‘Local’ e ‘Conteúdo’, as fotografias serão classificadas de acordo com diferentes características de cada aspecto. Ressaltando que existem inúmeras características dentro de cada aspecto, nem todos serão abordadas no presente trabalho. Já a visão serial, não trabalha com características e sim com a caminhabilidade que o observador pode usufruir em um determinado conjunto de imagens.

Será feito, ainda, uma análise comparativa entre fotografias selecionadas do Álbum de 1950 e as fotografias atuais produzidas por esta autora em 2020 observando as alterações sofridas na malha urbana considerando o mesmo ponto de vista da foto antiga. Com a reprodução das novas fotografias, torna-se possível observar e analisar as mudanças em um lapso de tempo de 70 anos. Além disso, as fotografias servirão para futuras comparações, contemplando o desejo de Jorge (1950, p. 5) de que as “gerações futuras disponham de elementos com que comparar o Maranhão de sua época com o Maranhão do presente”

A análise das fotografias do álbum inicia-se pelo primeiro aspecto da teoria de Cullen (2018, p. 21) denominada visão serial – uma sequência de percepções de um mesmo local, porém com diferentes pontos de vista. O autor afirma que as imagens da visão serial “procuram captar, no meio limitado e estático da página impressa, um pouco da emoção e da sensação de descoberta que experimentamos ao atravessar uma cidade”.

Para que a visão serial possa ser compreendida, estabeleceu-se duas sequências de fotos do Álbum do Maranhão de 1950, que serão analisadas cada uma em sua singularidade. É importante ressaltar que não haverá uma progressão uniforme em cada uma das sequências, mas ainda assim será possível observar os

contrastes de impacto visual. Após essa análise, algumas fotos dessas sequencias serão comparadas com fotos atuais produzidas no mesmo ângulo das fotos originais.

5.1 Aspecto da visão serial e comparação entre as fotografias de 1950 e as de 2020

5.1.1 Aspecto da Visão Serial da sequência 01

A primeira visão serial denominada Viaduto Pedro II, núcleo fundacional de São Luís, inicia-se na avenida beira mar (ponto 01) segue linearmente pela Avenida Pedro II (ponto 02) e finaliza no viaduto Pedro II (ponto 03) conforme o mapa (figura 39).

Figura 39 - Mapa da visão serial do Viaduto Pedro II



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Em um primeiro momento, o observador depara-se com uma grande muralha de fortificação. Na figura 40 é possível observar no primeiro plano da imagem um desnível na muralha que sustenta o parapeito lindeiro ao Palácio dos Leões.

Instigando a curiosidade, a fotografia dá uma sensação em se querer descobrir o que tem além do viaduto. Ao fundo da entrada do viaduto pode-se observar uma parte de uma edificação que é a Catedral da Sé, mais especificamente a área que abriga o Museu de Arte Sacra de São Luís. Observando-se com atenção, é possível ter a visão dos postes de iluminação que se localizam no peitoril do viaduto (no nível do palácio). Ao mesmo tempo que a imagem é imponente e misteriosa, a abertura do viaduto acrescenta uma sensação de curiosidade para se descobrir o que está do outro lado da via.

Figura 40 - Ponto 01 do observador. Viaduto Pedro II, 1950



Fonte: Jorge (1950)

Seguindo o percurso, o observador vai de encontro ao desconhecido e antes que possa finalizar a sua caminhada pela avenida, atravessando por debaixo do viaduto, ele se depara com a monumentalidade do Palácio dos Leões (figura 41). Construído no início do século XVIII, o palácio já passou por inúmeras modificações, chegando a ser hoje uma edificação sem nenhuma característica da construção original. Segundo o livro *São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara: Guia de Arquitetura e Paisagem*:

[...] Segundo César Marques, em 1730, o Governador Alexandre de Sousa freire solicitou a construção de dois quartos, visto que não havia acomodações suficientes na edificação. a instalação possuía paredes de terra, não existindo cozinha, além de uma aparência pouco convidativa. Buscando uma adaptação para fins de administração e residência oficial,

o Governador Joaquim de Mello e Povoas determinou a demolição em 1766. Por volta de 1772, foi reedificado, reaproveitando-se as telhas, os portais e a escada da casa dos Jesuítas, em Alcântara. Passou por sucessivas intervenções ao longo dos séculos, não apresentando, nos dias atuais, nenhuma característica da construção inicial. (SÃO LUIS..., 2008, p. 133).

Figura 41 - Ponto 02 do observador. Palácio dos Leões, 1950



Fonte: Jorge (1950)

No século XX, o palácio teve seu jardim reformado pelo paisagista paulista Burle Marx e entre 1993 e 2002 o Palácio sofreu sua última reforma conduzida pelo arquiteto pernambucano Acácio Gil Borsoi. Atualmente o Palácio dos Leões, de arquitetura em estilo neoclássico, possui platibandas balaustradas e trabalha com a ideia de cheios e vazios, vãos e arcos compostos por pequenos frontões triangulares.

Analisando os conceitos de Cullen (2018, p. 45), foi possível correlacionar a fotografia dos anos 50 com a característica de “perspectiva delimitada”. Segundo o autor “a Perspectiva delimitada, situa um edifício e convida-nos a recuar a fim de o contemplarmos”. A grandiosidade do Palácio dificulta o observador a encontrar um ângulo de visão que abranja toda a edificação, sua monumentalidade torna a edificação mais admirável. Os dois pontos de fuga presentes na fotografia fazem com que a visão do final da edificação transborde o enquadramento, contribuindo para engrandecer a edificação.

Continuando o percurso, caminhando lindeiro ao palácio, até chegar ao viaduto (figura 42) o observador depara-se com a paisagem da avenida Pedro II, sobretudo com o peitoril de balaústras que segue em direção a um conjunto de edificações do lado direito da imagem. Dentre construções do século XVIII e XIX destaca-se o prédio do Banco do Brasil, construído na década de 40, representando o início das novas edificações modernistas na cidade.

Figura 42 - Ponto 03 do observador. Vista de cima do Viaduto Pedro II, 1950



Fonte: Jorge (1950)

A avenida Pedro II finaliza sua extensão por trás da Igreja da Sé – construção com torres que se encontra no último plano da fotografia – em um ponto de intersecção com a Rua do Egito e Rua dos Afogados.

Cullen (2018, p. 47), ao abordar a característica de “pontuação”, afirma que “ao longo do percurso narrativo da rua, tanto a função como o padrão variam dum ponto para o outro, e essas variações devem ser assinaladas por um sinal físico”. Nesta visão serial, o sinal físico é a igreja da Sé. Na medida em que caminhamos pela Avenida Pedro II nos deparamos com a Igreja antes que se possa vislumbrar o final da rua. A igreja é um ponto de interrupção da visão linear da rua.

5.1.2 Comparação das fotografias de 1950 e 2020 da sequência 01

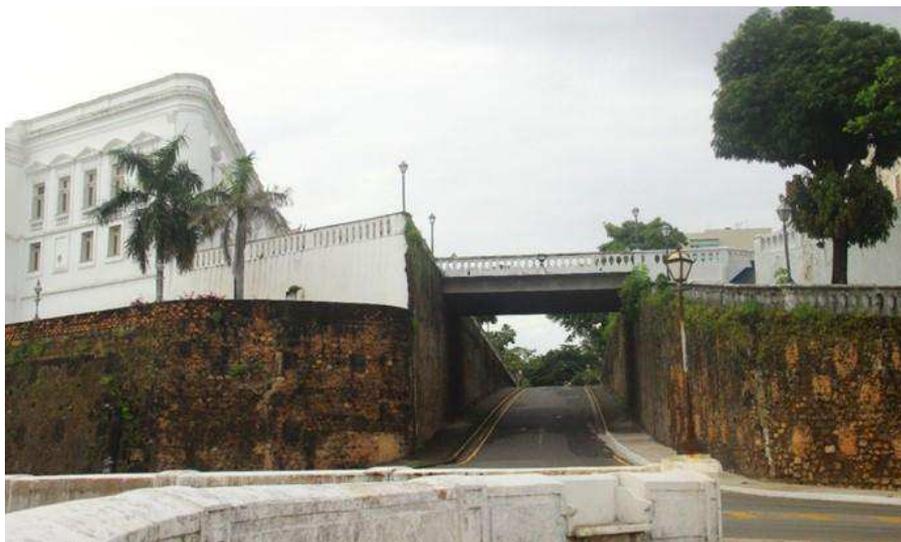
Ao fazer a comparação das duas fotografias (figuras 43 e 44) podemos observar a grande semelhança ainda presente nelas. O que chama atenção na diferença das duas fotografias é a mudança no formato nas muralhas do Palácio dos Leões, outrora denominado Forte São Luís. Observa-se que a muralha da atualidade apresenta marcas que indicam a presença de canhões do Forte no passado. Presume-se, portanto, que a fotografia de 1950 apresenta a descaracterização da muralha original e uma plástica que segue os moldes contemporâneos das vias.

Figura 43 - Imagem da entrada do viaduto da Avenida Pedro II vista do coreto na Avenida Beira-Mar



Fonte: Jorge (1950)

Figura 44 - Fotografia atual da entrada do viaduto da Avenida Pedro II vista do coreto na Avenida Beira-Mar



Fonte: Produzida pela autora, em 2020

Observa-se também a presença de vegetação na fotografia atual, o que é uma característica recorrente em muitas fotografias analisadas. Nessa situação, o crescimento de palmeiras (lado esquerdo) e árvores de grande porte (lado direito)

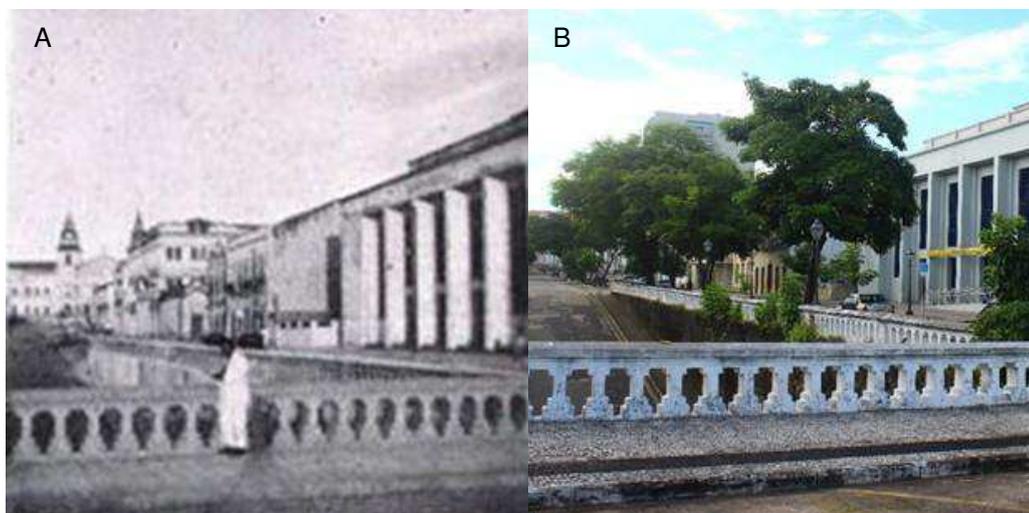
compõe a paisagem. O que acaba sendo curioso é a vegetação que pode ser observada pelo vão do viaduto sobrepõe-se à construção avistada na foto de 1950.

Se por um lado a vegetação esconde uma construção, por outro uma nova edificação pode ser observada na fotografia atual. Ao lado esquerdo da árvore de grande porte é possível perceber a construção de 1956 do edifício João Goulart de arquitetura modernista.

Podemos, então, compreender essa imagem em relação aos seus níveis. Ao nos encontrarmos abaixo do nível médio da fotografia, temos a sensação de intimidação e inferioridade. A sensação se torna mais presente ainda por se tratar de uma localidade de poder: o Palácio dos Leões e suas muralhas, que já serviram como proteção marítima contra inimigos estrangeiros e hoje abriga a sede do Governo Estadual.

Na primeira fotografia (figura 45A) observamos uma São Luís bucólica. Uma única pessoa no centro da fotografia transfere uma sensação de solidão em uma longa rua de grandes edificações. A cidade nos anos 50 ainda se mostrava ausente de vegetação, o que facilita a visão das novas obras modernistas que vêm chegando na Ilha.

Figura 45 - (A) Passarela em cima do viaduto Pedro II; (B) Imagem atual da passarela em cima do viaduto Pedro II



Fonte: (A) Jorge (1950), (B) produzida pela autora, em 2020

Assim, como na foto anterior (figura 45A), na fotografia atual (figura 45B) destaca-se a vegetação abundante que recobre parte das edificações, revelando parte do edifício João Goulart.

Nas figuras 46 e 47 em comparação do Palácio dos Leões podemos atentar a pequenas mudanças na fachada da edificação como uma abertura maior dos vãos de janelas no andar térreo e a retirada de detalhes decorativos acima dos frontões triangulares no 1^a andar. Além da comparação da fachada o entorno do Palácio apresenta uma vegetação que acaba ofuscando a monumentalidade da edificação nesse ponto de vista. A presença de carros policiais e cones de barreira de trânsito adicionam na paisagem a sensação de um local não convidativo, tornando o ambiente hostil.

Figura 46 - Palácio dos Leões



Fonte: Jorge (1950)

Figura 47 – Fotografia atual do Palácio dos Leões



Fonte: Produzida pela autora, em 2020

5.1.3 Aspecto da Visão Serial da sequência 02

Tratando-se da segunda visão serial, tem-se como análise o percurso que abrange o Palácio do Comércio e a praça Benedito Leite. Segundo Garrido (2018), o Palácio do Comércio, inaugurado em 1943, abrigou a Associação Comercial do Maranhão (ACM), as instalações do Hotel Central e um Museu de Exposição permanente de produtos do Estado. No local dessa nova edificação já fora a instalação do antigo Hotel Central – de aparência colonial – que acabou sendo demolido para que a nova edificação *art déco* pudesse ocupar o local. Para época, o palácio se mostrava um local sofisticado e moderno, com a finalidade de ascender os serviços de hotelaria da cidade. Suas linhas retas e pouco ornamento, destoam dos moldes que a cidade ainda em evolução abrigava. Segundo Costa (2016), a edificação foi vista como uma intervenção imponente e diferente de toda arquitetura presente no centro da cidade, trazendo um ‘status’ para a elite que ali usufruía do Palácio.

A praça Benedito Leite, foi implantada inicialmente no local como um jardim botânico demandado pelo governo português em 1804. Passou por algumas modificações como um novo jardim em 1820 e um novo projeto paisagístico em 1906. A praça leva o nome de Benedito Leite – governador do Maranhão de 1906 até 1909 – em 1911, quando falece e é homenageado. A praça sofreu uma alteração também em 2006 com a substituição do piso, uma reforma na calçada e nos bancos da praça.

Partindo para a análise das fotografias na visão serial, é necessário a visualização do trajeto percorrido pelo observador e a posição do mesmo identificada em ordem numérica no mapa acima (figura 48). Iniciando o caminho (posição 1), o observador tem uma visão lateral da praça Benedito Leite tendo como cenário ao fundo, a fachada lateral do Palácio do Comércio. Nesse ponto, o primeiro plano é a praça de ar bucólico apresentando árvores simplórias que contrastam com a imponência do palácio ao fundo causando um ar de mistério sobre a edificação. Mesmo com a praça ocupando o primeiro plano da imagem o prédio ainda assim consegue se destacar como interesse principal do observador. Fazendo com que os frequentadores da praça que se revelam na imagem são quase que imperceptíveis.

Figura 48 – Mapa da visão serial da praça Benedito Leite e Palácio do Comércio



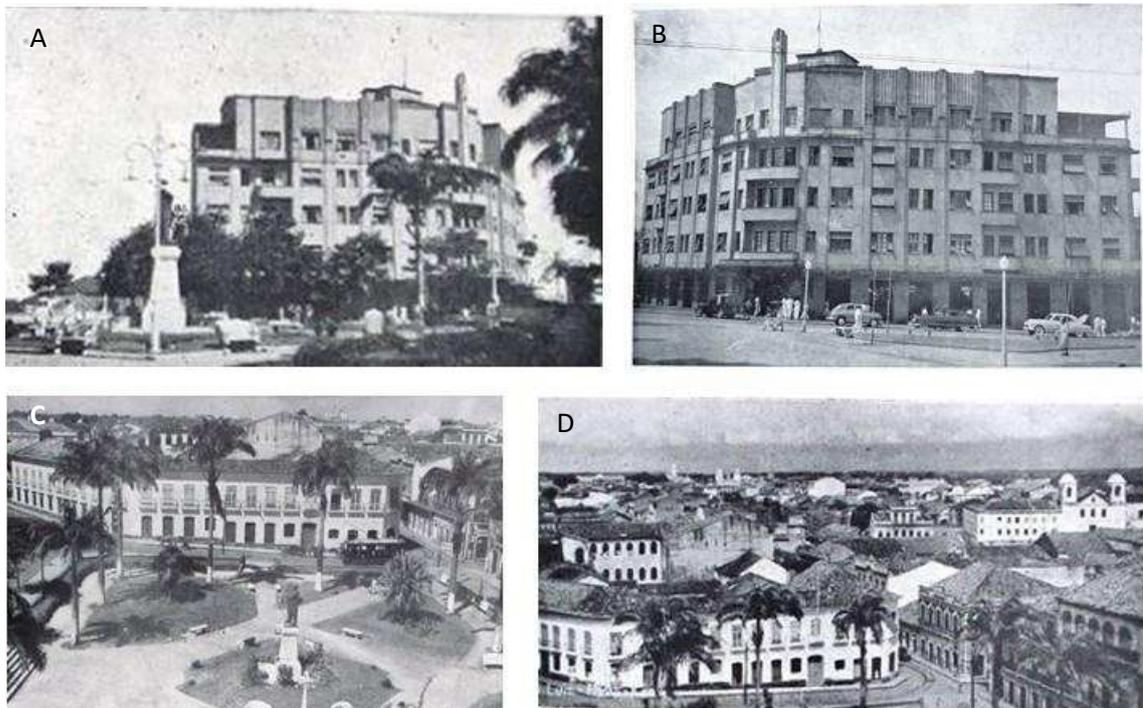
Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Em seguida o observador caminha lindeiro a praça Benedito Leite e alcança uma visão majestosa do Palácio do Comércio, podendo agora compreender melhor os seus traços, suas linhas retas e imponentes, reconhecendo um novo momento na paisagem da arquitetura onde o colonial abre espaço para o *art déco*. A referência dos modestos carros dos anos 50 confirmam tanto a dimensão da edificação como o novo momento do estilo. A majestosa arquitetura passa ao observador a curiosidade de se descobrir o que se há adentrando da edificação. Fazendo assim com que o observador continue a sua caminhando dentro do imóvel.

Para a compreensão das fotografias seguintes buscamos na teoria de Cullen (2018), o que o autor exemplifica como o conceito de “aqui” e “além”. O “aqui” é um local conhecido, porém limitado onde o observador se encontra no qual se tem a visão do “além” uma grande paisagem desconhecida, fora do alcance do observador. Na terceira imagem (posição 03) já é possível compreender esse conceito com a configuração do local vista de outro ângulo. O que era denominado “além” (posição 01) para o observador, passa a ser o aqui (posição 03) e o local anterior onde o observador se posicionou passa ser o “além”. O observador atravessa a rua que o divide do palácio, adentra a edificação e observa de uma das janelas o local onde estava na imagem anterior podendo agora compreender a praça de uma visão superior.

Por último o observador impulsiona a sua visão (posição 04) elevando-a a um patamar mais alto. Nesse momento o observador perde a praça de vista focando a sua percepção para um horizonte de edificações muito além do trajeto feito por ele. Descobrimo um novo “além”. Com a análise da figura 49 de uma visão serial é possível entender a capacidade que a cidade tem de oferecer diferentes ângulos de visão. A sensação de estar a desvendar a cidade, podendo sempre descobrir novos lugares.

Figura 49 - (A) Palácio do Comércio – posição 01 1950; (B) Palácio do Comércio – posição 02, 1950; (C) Praça Benedito Leite – posição 03, 1950; (D) Praça Benedito Leite – posição 04, 1950



Fonte: Jorge (1950)

5.1.4 Comparação das fotografias de 1950 e 2020 da sequência 02

Atualmente, ao observar as fotografias do século XXI torna-se mais fascinante ainda poder perceber as mudanças entre uma época e outra (1950 e 2020). Na figura 50 é possível observar, no mesmo ângulo, uma visão completamente diferente do que se analisou na fotografia de 1950 (figura 51).

Figura 50 - Fotografia atual do Palácio do Comércio na posição 01



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Figura 51 - Palácio do Comércio na posição 01



Fonte: Jorge (1950)

Agora o paisagismo presente na praça, oculta a imponente edificação *art déco* do palácio do comércio, tornando um mesmo ponto de visão uma experiência completamente diferente onde o observador agora tem mais interesse em caminhar pela praça com a intenção de desvendá-la, onde o foco principal da imagem passa a ser a praça e não mais a edificação.

Pode-se observar também a mudança urbana visível nos postes de iluminação que antigamente seguiam um padrão da época do desenvolvimento da busca por novas estéticas arquitetônicas com o intuito de tornar a cidade mais contemporânea. Na fotografia atual pode-se observar “um novo sistema de iluminação pública com postes de ferro fundido, luminárias e arandelas que reproduzem os modelos dos tempos de lampiões a gás, reconstituindo-se a paisagem urbana do século XIX” (ANDRÈS, 2006, p. 159). Além da iluminação inspirada na urbanização colonial é visível também um poste de iluminação contemporâneo voltado para a faixa de carros quebrando qualquer dúvida da datação da fotografia.

Na comparação das fotografias da posição 02 (figuras 52 e 53), é possível perceber pequenas nuances. O primeiro impacto é percebido na falta de manutenção na fachada da edificação. Atualmente o palácio do comércio ocupa os escritórios da ACM, um restaurante no térreo assim como lojas de alimentos e roupas. Porém, nenhum interesse em recuperar o imóvel foi demonstrado até então. No final de 2019 ainda se teve uma tentativa de recuperação da edificação por conta da iniciativa privada – uma companhia do ramo imobiliário do Distrito Federal, porém, não se teve mais informações sobre a recuperação do imóvel. Outro ponto que chama a atenção são os dois brasões (figura 54) localizados no centro-topo da edificação separados pelo letreiro *art déco* da Palácio. Acredita-se que os brasões se fizeram inclusos na edificação na primeira parte da reforma do palácio do comércio em 2004, de investimento privado. A reforma contou com uma nova pintura e iluminação na fachada e reformas no primeiro e segundo subsolo, no andar térreo e no segundo pavimento.

Figura 52 –Palácio do Comércio na posição 02



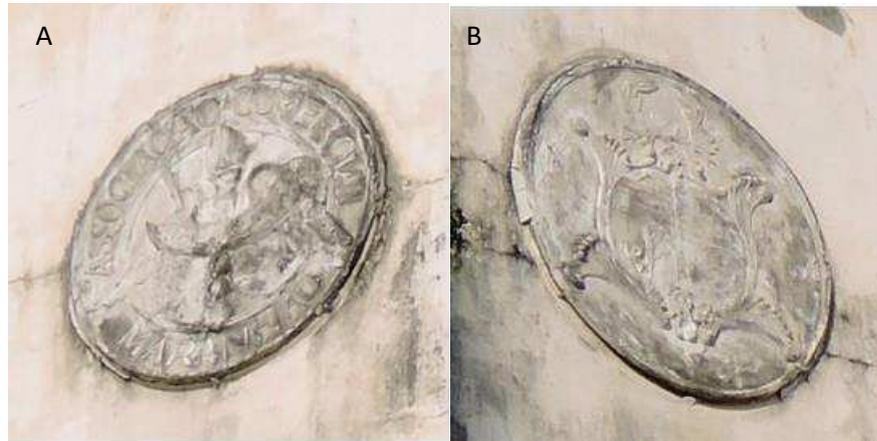
Fonte: Jorge (1950)

Figura 53 - Fotografia atual do Palácio do Comércio na posição 02



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Figura 54 - (A) Brasão da ACM localizado no topo esquerdo da fachada principal do Palácio; (B) Brasão da ACM localizado no topo direito da fachada principal do Palácio



Fonte: Acervo da autora, 2017

Percebe-se ainda que a fotografia atual (figura 50) mostra uma ampliação do lado esquerdo da edificação sendo acrescentado mais 5 janelas em cada andar. Acredita-se que essa ampliação é fruto da reforma feita em 1973 como cita Garrido (2018, p. 96), “Na última reforma, em 1973, além de nova decoração e ampliação da cozinha e portaria, foram instalados telefones e ar-condicionado [...]”.

Indo além da arquitetura e observando o entorno, logo nos chama a atenção a presença de uma edificação modernista no canto direito da imagem. O edifício João Goulart, construído em 1956 foi um marco na modernização da cidade histórica. Para a construção da nova edificação, os dois sobrados que se localizavam no terreno do edifício foram desapropriados pelo governo do Estado em 1941 e doados para serem sede do Inamps – hoje atual Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Em 1957 a planta que contava com o alinhamento da edificação é aprovada seguindo os moldes urbanísticos da época.

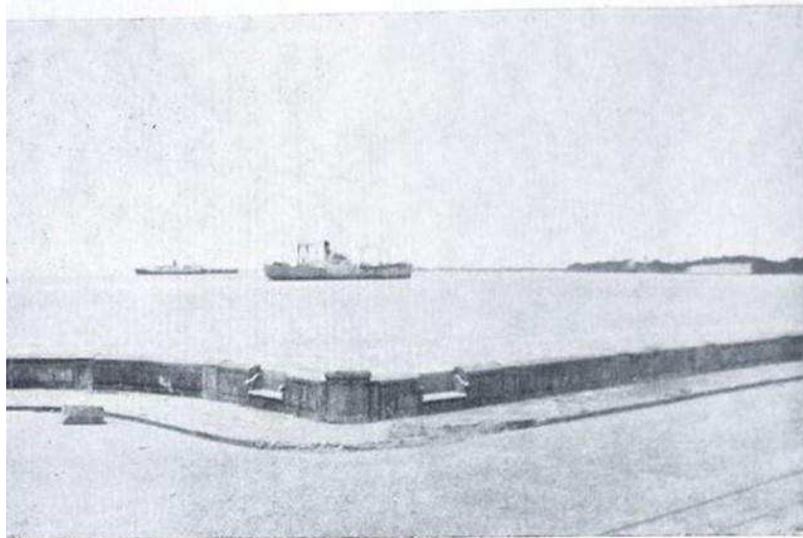
Ao final, detalhes como o acréscimo de palmeiras e a modificação de bancos e postes de iluminação quase não destoam da paisagem antiga. O prédio mantém suas características estruturais e a paisagem urbana apresenta apenas suas mudanças temporais.

5.1.5 Aspecto Local das fotografias e suas comparações

Neste capítulo a análise das fotografias será feita com base no aspecto local. Segundo Cullen (2018, p. 10), o aspecto local “diz respeito às nossas reações perante a nossa posição no espaço”. Seja dentro ou fora; seja no ponto mais alto ou no ponto mais baixo do local, essa forma de compreender a imagem se liga com as possíveis experiências e sensações que o observador tende a vivenciar.

A primeira fotografia retratada no aspecto Local tem como ponto de observação um dos coretos da Avenida Beira-Mar, com vista para o encontro das águas do Rio Anil e Rio Bacanga. Na fotografia de 1950 é visível a presença de navios que ali próximo atracavam no que se intitulava na época o porto de São Luís. Além da presença dos navios outro fator interessante é a terra firme vista do outro lado da cidade ainda sem nenhuma edificação. Nesse momento até o início dos anos 50, pouco se explorava o outro lado da cidade. Para ir à praia a população frequentava a praia de dunas no bairro do Anil (figura 55).

Figura 55 – Imagem da vista observada da Avenida Beira-Mar



Fonte: Jorge (1950)

Na fotografia atual já não é mais possível observar os grandes navios adentrando a cidade (figura 56). Com a evolução urbana, o crescimento da cidade e a construção de pontes ligando o centro a outras localidades, o porto de São Luís passa a ser operado na área do Itaqui em 1974 denominando-o de Porto do Itaqui.

Além disso, hoje, podemos notar o grande crescimento urbano do outro lado da cidade, onde pode ser visto as grandes edificações residências do bairro da Ponta D'Areia e as construções residenciais e comerciais dos bairros da Ilhinha e São Francisco.

Figura 56 – Fotografia atual da vista observada da Avenida Beira-Mar



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Se utilizando dos conceitos de Cullen (2018), é possível classificar a fotografia como uma “Perspectiva Grandiosa”. Essa característica se baseia no objeto que está presente porém distante, sempre fora do nosso alcance causando uma sensação de distância, de um ponto longínquo em relação ao observador. Ao abordar essa característica, o autor se utiliza do exemplo de uma visão do Jardim de Versalhes e pontua que a relação entre o primeiro e segundo plano é de domínio e onipresença. Na visão da Avenida Beira-Mar, na fotografia dos anos 50, a relação do primeiro plano com o segundo é de grandiosidade.

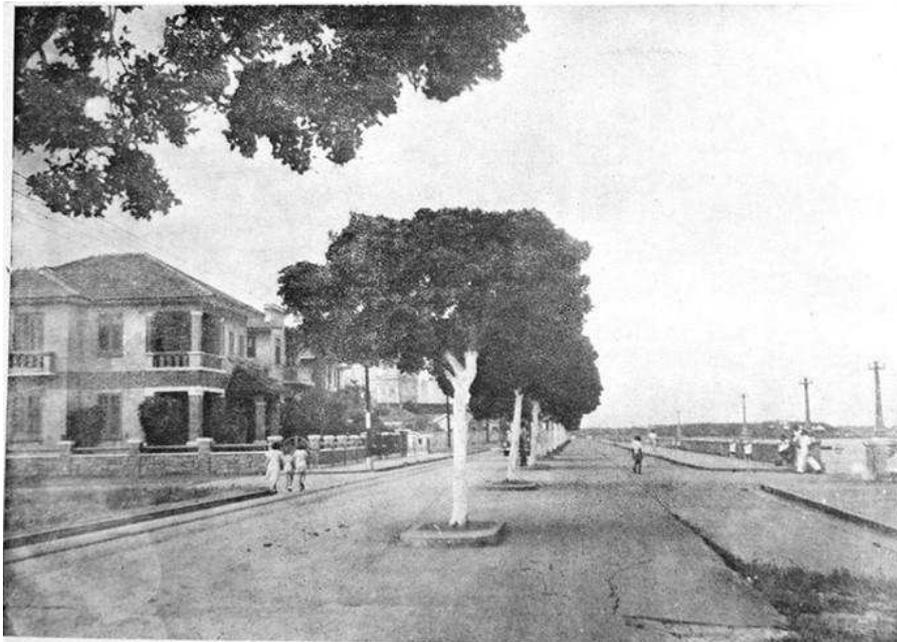
Poder observar de tão próximo um grande navio, causa uma sensação de surpresa e fascínio. Nos dias atuais essa situação já não é mais experienciada pelos frequentadores da Beira-Mar. Atualmente a sensação passa a ser mais ainda distante, por agora a visão se tratar de novas construções no que chamamos de “cidade nova”, aquela que cresceu para além da ponte. Com o passar dos anos o antigo começa a ficar cada vez mais distante do que hoje representa a contemporaneidade de São Luís

com suas grandiosas edificações residenciais contemporâneas em vidro e cerâmica branca.

Abordando sobre a mesma avenida, na figura 57, é possível entender outro ângulo da avenida Beira-Mar. Detentora de diversos nomes como Avenida Magalhães de Almeida, Avenida 5 de julho e Avenida Jaime Tavares, atualmente, a avenida é um importante via de acesso para a ponte José Sarney que liga as principais edificações do centro da cidade ao Bairro São Francisco e demais bairros. A avenida conta com um longo histórico até o que conhecemos hoje (figura 58). Em um *thread*⁴ no Twitter, na página oficial do jornal maranhense O Estado, é exemplificado o início da ideia de se construir uma avenida lindeira a Baía de São Marcos:

Foi a partir das intenções do gestor Nuno Álvares de Pinheiro (1901 – 1905) que a administração municipal começou a planejar uma via ao lado da Baía São Marcos. A construção da obra foi planejada no fim do século XIX, mas devido ao orçamento curto optaram em até 1920 fazer o estudo técnico. Na segunda metade da década de 1920 o governo, encabeçado por Magalhães de Almeida, executou um trecho revestidos de tijolos para a passagem de automóveis e carroças. A via seria iniciada na antiga estação São Luís - Teresina e seguiria até o famoso bairro da Praia Grande. (VOCÊ..., 2020, não paginado).

Figura 57 –Avenida Beira-Mar



Fonte: Jorge (1950)

⁴ O termo *thread* é uma palavra inglês que significa "linha" ou "tópico". Nessa situação um *thread* significa um conjunto de postagens em tópicos sobre algum assunto seguindo uma linha de pensamento ou uma linha do tempo. O termo *thread* normalmente é usado na rede social *Twitter*.

Figura 58 – Fotografia atual da Avenida Beira-Mar



Fonte: Produzido pela autora, 2020

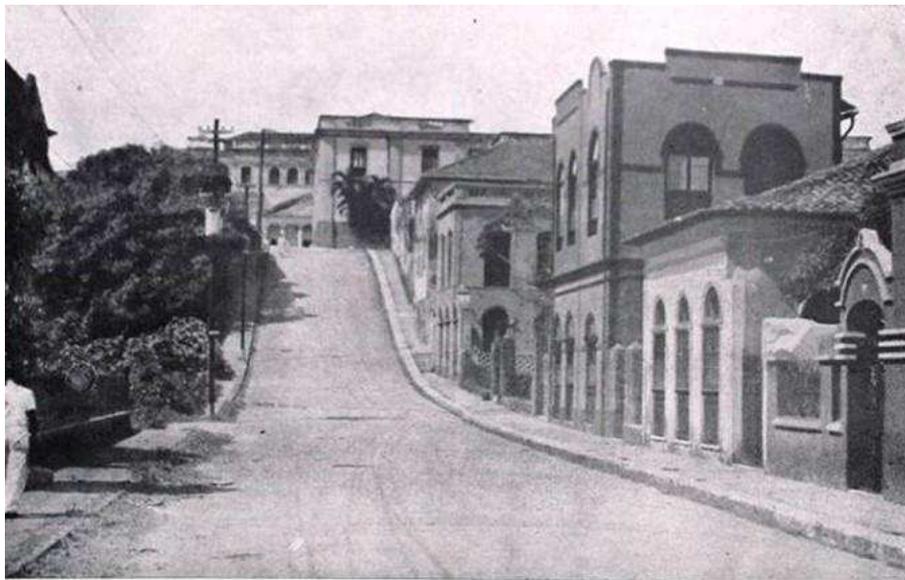
Depois de muitos anos de planejamento, entre 1926 e 1930 – período que se estabelece o mandato do Governador Magalhães de Almeida – é inaugurada a Avenida Beira-Mar contemplada com uma regata e uma carreata que seria a primeira a acontecer no estado do Maranhão (VOCÊ..., 2020). Em 1929 o governo decide diminuir as taxas para que as edificações na avenida beira mar (na época nomeada de avenida Magalhães de Almeida) pudessem ter maior facilidade em serem construídas, recebendo famílias de diferentes aquisições financeiras para residir lindeiro a Avenida. Após algumas décadas, mais transformações acontecem, como a ligação da Avenida Beira-Mar com a Ponte José Sarney em 1970, e logo em seguida, em 1971, a remoção da escadaria que dava acesso à Avenida Pedro II e construção do viaduto e elevado, fazendo a ligação de leito carroçável com a Avenida Beira Mar (VOCÊ..., 2020).

Para a leitura da imagem baseando-se em Cullen (2018), temos a característica de “Privilégio”. Segundo os conceitos, o privilégio fala das linhas privilegiadas, de diferentes formas de ocupação em um alinhamento. Na fotografia podemos observar a ocupação de residências, a plantação de árvores e o uso da via para o trânsito de veículo. Além disso, o alinhamento da calçada lindeira ao encontro das águas proporciona uma bela paisagem em benefício da população, compreendendo um leque de qualidades da Avenida Beira-Mar.

Na figura 58, a infinitude das árvores já não é mais presente, a urbanização praticada na década de 50 procurava mais qualidade de vida na cidade. A fotografia atual transforma o ponto de observação em uma “perspectiva velada”, onde o observador tem a sensação da existência de um ‘aqui’ e um ‘além’ que é delimitado pelas árvores que ainda pertencem à via. A posição que o observador se encontra oferece essa perspectiva velada onde o olhar segue de baixo observando a faixa da rua, para cima, indo de encontro as árvores e mais além, ao céu que transborda na imagem.

Se o observador seguir em continuação à Avenida Beira-Mar, transitando pela longa avenida, ao se deslocar para esquerda tem a intrigante surpresa da famosa Rua da Montanha Russa que leva esse nome referente a sua elevada topografia (figura 59).

Figura 59 - Rua da Montanha Russa



Fonte: Jorge (1950)

Ao nos depararmos com a rua muitas sensações podem vir à tona. A longitudinal extensa da via poderia trazer essa mesma sensação de infinitude observada na fotografia da Av. Beira-Mar. Porém, a rua logo é delimitada por edificações que pontuam o olhar do observador. Seguindo a teoria de Cullen temos a característica de “Edifício-barreira”, que tem como entendimento edificações que devido a sua posição no espaço delimitam a visão do observador causando um

bloqueio do caminho. Nota-se, entretanto, que o bloqueio causado pela edificação é apenas visual, não impedindo a transição de pessoas e de veículos. Nesse caso, as edificações-barreira são o Fórum de Justiça e a Prefeitura Municipal de São Luís. Percebe-se na comparação das imagens de 1950 e 2020, que curiosamente essas edificações são as únicas que não sofreram modificações arquitetônicas, justamente duas edificações de poder, que continuam servindo o mesmo propósito para a população, reafirmando a indagação feita em relação a fotografia do Fórum (figura 60) e relembrando um dos questionamentos indagados no início deste trabalho: as edificações do álbum ainda cumprem suas funções sociais ou têm novas funções?

Figura 60 – Fotografia atual Rua da Montanha Russa



Fonte: Jorge (1950)

Em contrapartida, quase todas as outras edificações da rua da Montanha Russa, que na época aparentavam ser de cunho residencial, sofreram mutações de uso, passando a ocupar sedes governamentais e comerciais e, conseqüentemente, mudanças físicas como descaracterização das fachadas e aumento do número de pavimentos. Além das mudanças nas construções já existentes, o modernismo do centro de São Luís mais uma vez manifesta-se agora com a presença do Prédio do Banco do Maranhão, localizado a esquerda superior da imagem atual contribuindo para o entendimento da evolução urbana da cidade.

Com a seleção dessas imagens, é possível compreender as diferentes nuances e sensações que a cidade pode passar a partir de diferentes ângulos. O sentido de se localizar no espaço é algo que vivenciamos diariamente de forma instintiva podendo acontecer de forma que deixamos escapar novas formas de enxergar a cidade. Se de um modo geral a cidade não possui tantos contrastes, quando destrinchamos a paisagem percebemos detalhes jamais vistos. É preciso sentir a cidade para que possamos compreendê-la de forma a harmonizar seus diferentes valores no que se diz respeito a suas tipologias arquitetônicas e urbanas.

5.1.6 Aspecto Conteúdo das fotografias e suas comparações

Neste capítulo a análise das fotografias será feita com base no aspecto conteúdo. Segundo a teoria de Cullen (2018, p. 13), o aspecto conteúdo se relaciona com “a própria constituição da cidade: a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza.” As fotografias aqui abordadas mostraram um ponto de vista da cidade relacionada com a sua singularidade, com os detalhes que fazem a cidade ser o que ela é hoje e enaltecer suas características. Se pontuada a questão da cidade de São Luís vir de uma fundação antiga, é possível afirmar que suas tipologias arquitetônicas compõem uma extensa lista de diferentes períodos de construção, fazendo da cidade um templo de pesquisas arquitetônicas e urbanísticas.

A figura 61 se trata da Praça Pedro II dando sequência no quesito da localidade, as fotografias retratadas na visão serial. Sendo denominada de praça cívica por abrigar muitas sedes do poder civil e religioso, a praça se localiza no que se indica ser o início do crescimento de São Luís. Muitos acreditam que a cidade é oriunda de uma fortificação, porém, segundo Prado (2007, p. 69), “a cidade de São Luís que não nasce de um forte francês, nasce de uma praça tupinambá, que foi sendo transformada por todos os viajantes que se apropriaram da terra Maragnon, desde o século XVII até o início do século XVIII.” A autora ainda complementa que após esse período, muitas transformações ocorreram na praça oriundo de ocupações indígenas e estrangeiras e em decorrência dos diferentes momentos históricos pontuando principalmente a virada entre o século XIX e XX.

Figura 61 –Praça Pedro II



Fonte: Jorge (1950)

Uma das mudanças marcantes da praça é o projeto elaborado por volta de 1904 quando a praça ainda era chamada de Avenida Maranhense. A arquiteta Prado (2007), afirma em sua investigação que a possível autoria do projeto possa ser de Charles Thays⁵ – Arquiteto Francês, radicado na Argentina – por conta de uma possível ligação entre o Maranhão e a Argentina.

Na década de 50, com a interface entre a arte e a arquitetura, foi instalada a escultura de autoria do artista Newton Sá, nomeada de Mãe D'água, em uma fonte no centro da praça. Já em 2018 a praça passou por uma revitalização pelo Iphan e a prefeitura, com a recuperação do piso de pedra portuguesa, iluminação e a reforma da fonte (figura 62).

⁵ Charles Thays foi um grande “arquiteto paisagista nasceu em Paris em 1849 [...] o arquiteto francês que migrou para a Argentina no século XIX e que projetou e construiu as principais praças e parques de Buenos Aires e de outras cidades como San Juan, Tucumán, Córdoba, Mendoza, Salta, Rosário (Santa Fé), Mar Del Plata, Coronel Suárez; Montevideu no Uruguai e Santiago no Chile. Thays é autor, entre outras obras importantes, da Plaza de Mayo, do Jardim Botânico de Buenos Aires e dos grandes parques Palermo e Centenário.” (PRADO, 2007, p. 70).

Figura 62 - Fotografia atual da praça Pedro II



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

O primeiro impacto observado na comparação das imagens é a forte presença de árvores de grande porte. A vegetação da área cresce ao ponto de não ser mais possível que o observador admire a arquitetura por esse ângulo. Seguindo a teoria de Cullen (2018) uma das características do aspecto conteúdo é a “Integração de árvores”. Entre muitos elementos da cidade que compõe uma paisagem urbana as árvores têm um peso de tradição e antiguidade.

Assim como as edificações, as árvores vêm a ser grandes estruturas de valor podendo até causar uma desolação quando a notícia é de que uma árvore secular de grande porte caiu por conta da chuva, quase da mesma forma que desolam-se por conta do desabamento de um casarão. A presença de árvores de grande porte compõe junto aos casarões a sensação de estarmos diante do passado. Hoje as árvores da praça já fazem parte da composição da paisagem, podendo afirmar que olhar a praça sem sua composição orgânica, passa a ser peculiar. Logo, temos a sensação de que nos foi tirado parte daquele passado e o que simbolizava uma imagem da evolução da paisagem agora já não faz mais parte do cenário.

Como cita Cullen (2018, p. 84),

[...] das árvores, pois, se estas apresentam diferentes características, podendo ser fastigiadas⁶, ou pendentes, de linhas geométricas ou curvas, ou de aspecto lustroso ou aveludado, também a sua relação com os edifícios pode ser extraordinariamente expressiva, quer com extensão do seu conteúdo, quer com uma definição por contrastes.

O que se enxergava antes na figura 61, de 1950, uma praça de vegetação tão nova que mal se percebia, nesse ponto de vista atual do observador, a praça Pedro II passa a ter outra referência. O que se enxergava como uma grandiosa praça em uma perspectiva longa e continua hoje se depara com as divisões orgânicas da vegetação passando a possuir diferentes espaços.

Sendo a Praça Pedro II também uma praça cívica, como dito anteriormente, uma das edificações de grande imponência presente na praça é o Fórum – Palácio da Justiça Clóvis Bevilacqua (figura 63), levando o nome do jurista cearense, autor do primeiro anteprojeto do Código Civil Brasileiro. Inaugurado em 1948 (figura 64), pelo então presidente da época, Eurico Gaspar Dutra, o prédio de fachada neoclássica compõe um de muitos prédios tombados pelo Patrimônio Federal.

Figura 63 – Fotografia atual do Fórum de Justiça Clóvis Bevilacqua



Fonte: Produzido pela autora, 2020.

6 “Ereto e em forma de pirâmide alta e estreita (árvore, copa de árvore etc.)”. Dicionário online de português.

Figura 64 - Fórum de Justiça Clóvis Bevilacqua



Fonte: Jorge (1950)

Ao passo que a cidade evolui, mesmo tendo uma parcela do seu centro histórico abraçado por tombamentos Estaduais e Federais, muitas são as modificações que podem ser vistas no presente trabalho tanto por uma falta de interesse e descaso pelo objeto – podendo ser edificações, vias ou praças – quanto pelo seu interesse em repensar o espaço para as necessidades do presente. Entretanto, edificações de poder como o 24^a Batalhão e o Fórum de Justiça, são as que mais se sobressaem no quesito de não alteração das suas fachadas podendo compreender que as necessidades de cada edificação permanecem até os dias atuais.

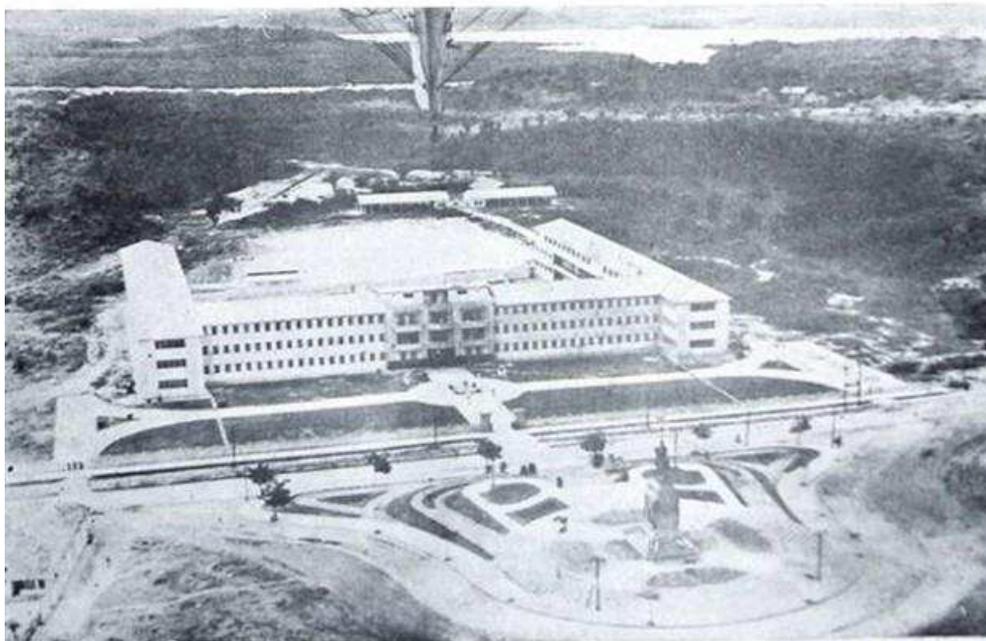
Ao comparar a arquitetura do Fórum de justiça nas duas épocas é quase imperceptível as poucas mudanças ocorridas na fachada. Em relação aos escritos de Cullen (2018), podemos entender essa comparação das imagens ao utilizar a característica de “Pormenores”. A característica instiga a estarmos atentos aos detalhes, tornando o mundo mais interessante. A adição de placas circulares na fachada interna do prédio; a coloração das esquadrias e a instalação de focos de luz criando uma iluminação cênica para o local, a presença de canteiros com novas árvores adicionando novas texturas a paisagem. Com esses poucos detalhes, um

enquadramento que poderia ter pouco a oferecer nos faz procurar pelos detalhes indo além das grandes mudanças.

Em relação aos outros detalhes na paisagem todos seguem da mesma forma, seguindo o estilo arquitetônico da edificação como sempre foi sendo até então uma das poucas fotografias de ínfimas mudanças de curso dos 70 anos de diferença entre as fotografias.

Dando continuação as arquiteturas de poder, a figura 65 trata de uma visão aérea do 24º Batalhão de Caçadores (24ºBC) localizado no bairro do João Paulo que em 21 de agosto de 2017, é transformado em 24º Batalhão de Infantaria de Selva (24º BIS).

Figura 65 – Imagem aérea do 24 Batalhão de Cavalaria



Fonte: Jorge (1950)

Ao se deparar com essa figura temos uma robusta edificação, militar, locada em uma vasta extensão de terra crua. A praça em frente o batalhão revela uma provável construção em conjunto com a edificação visto que essas são as duas únicas obras que aparecem na imensidão da localidade do que conhecemos hoje como o bairro do João Paulo.

O crescimento do Bairro do João Paulo tomou forma no final do século XIX como afirma Ribeiro (2007, p. 135), “o João Paulo se constituía como um lugar de

entremeio, ligava as zonas centrais aos interiores. Esse bairro surgiu quando da eclosão das fábricas têxteis na capital maranhense”. Com o crescimento do bairro e o planejamento de José Otacílio de Ribeiro Saboya nas décadas de 30 e 40 com o intuito de atuar com “diversas intervenções urbanísticas de modernização ensejando modificar o quadro de atraso da cidade” (SÁ NETO, 2019, p. 35) acontece a

[...] desapropriação de um terreno no bairro do João Paulo para a construção do novo quartel para o Batalhão do Exército, na confluência das novas avenidas (João Pessoa e Presidente Getúlio Vargas), elos da cidade com as povoações do interior da ilha. (COSTA, 2015, p.164).

Sua construção é iniciada no dia 25 de dezembro de 1937 dentro do mesmo plano de expansão criado por Saboya Ribeiro, sendo inaugurada em 19 de abril de 1941 em comemoração ao dia do exército. Atualmente, poucas modificações foram feitas no prédio desde sua construção: a adaptação de um depósito de munição deu origem a uma capela e a construção de quadras esportivas na década de 1970. O 24º Batalhão é uma edificação de arquitetura modernista com formato em “U”, com dois pavimentos, que abriga setores administrativos, alojamentos militares, área de vivência e cozinha.

A foto da década de 50 do 24º Batalhão chama atenção ao se perceber uma parte de uma haste presa a cabos no centro-topo da fotografia. Ao olhar atentamente se questiona como a fotografia teria sido feita. Em estudos anteriores que o presente trabalho dá continuidade se investigava o possível uso de um dirigível para a produção da foto. Levando em consideração a presença de dirigíveis na cidade de São Luís como o Graff Zeppelin LZ 127 que sobrevoou a cidade em 1943 (MARTINS, 2019) e a presença de dirigíveis americanos que eram uso de patrulha no litoral brasileiro contra os submarinos alemães em 1944 durante a 2ª Guerra Mundial (MINHA VELHA SÃO LUÍS, 2015). No entanto, em entrevista feita com o fotógrafo Uziel Azoubel⁷ – Filho do fotógrafo Dreyfus Azoubel quem compõe algumas fotos do Álbum do Maranhão – tem-se a confirmação de que além da fotografia ser de autoria de Azoubel a mesma foi produzida a partir de um avião monomotor de asa alta popularmente conhecido como “teco-teco” desmistificando toda e qualquer dúvida que possa surgir em relação a forma da produção da fotografia.

No segundo momento (figura 66) nos deparamos com outra paisagem. A imponência do 24º Batalhão permanece reconhecida, mas o seu entorno agora abriga

⁷ Informação fornecida por Uziel Azoubel, em entrevista realizada pela autoria, em São Luís, em 22 de setembro de 2020.

vários outros recintos. Junto ao extenso crescimento da vegetação, veio o desenvolvimento urbano da área abrigando residências e comércios.

Figura 66 - Fotografia aérea atual do 24 Batalhão de Cavalaria (Atual batalhão de Infantaria)



Fonte: Produzida pela autora, em 2020

Apropriando-se da teoria de Cullen (2018) para análise da paisagem podemos definir a imagem sendo de característica “Escala”. A escala pode servir de referência tanto em árvores quanto em edificações. Com a posição que o observador se encontra da edificação observando-a de cima, o que se entende por conta do seu entorno é a dimensão que o edifício reivindica. A imponência da arquitetura militar que já é grande torna-se ainda maior confirmando a monumentalidade da edificação. Já em relação a urbanização concebida em anos de evolução do bairro, mesmo com o seu crescimento, de nada atrapalha no protagonismo do 24º Batalhão.

Compreendendo a escolha das imagens, foi possível entender uma arquitetura e urbanismo de cunho de poder. Observando que a cidade possui diferentes arquiteturas, mas que muito do que se compreende entre passado e presente ainda permanece na história. Compreender as tipologias, texturas, escala e sua natureza, faz o observador reconhecer a personalidade da cidade e que essa

estética eclética é o que a torna tão única. Cullen (2018, p. 13) ao abordar do aspecto 'Conteúdo' cita que:

Se, se considerar que a maior parte das cidades é de função antiga, apresentando e na sua morfologia provas dos diferentes períodos de construção patentes nos diferentes estilos arquitectónicos e nas irregularidades do traçado, é natural que evidenciem uma amálgama de materiais, de estilos e de escalas. Contudo tem-se a sensação de que, se fosse possível reconstruí-la por inteiro se faria desaparecer toda a confusão e surgiriam cidades novas mais belas e mais perfeitas. Criar-se-ia um quadro ordenado, arruamentos de traçados diretos e edifícios de alturas e estilos concordantes. Se houvesse inteira liberdade de acção provavelmente criar-se-ia simetria, equilíbrio, perfeição, concordância, convencionalismo. Não é essa a concepção popular de finalidade do planeamento Urbano?

Cullen (2018) ironiza o apego da sociedade para com a perfeição estética. Pessoas diferentes normalmente tem mais a trocar em um diálogo, tendo diferentes opiniões, gostos, referências e experiências de vida. "A ironia benevolente da senhora X é o contraponto perfeito da exuberância algo ingénua do Major Y, e o serão torna-se divertido e animado. O mesmo pode ser colocado para uma cidade, compreendendo que se tudo fosse demolido e reorganizado, não mais seria possível perceber as trocas de uma cidade com suas diferentes épocas e estilos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhe dá sua beleza melancólica e incomparável. Porém, quando o homem se retira da fotografia, o valor de exposição supera pela primeira vez o valor do culto. O mérito inexcusável de Atget é ter radicalizado esse processo ao fotografar as ruas de Paris, desertas de homens, por volta de 1900. (BENJAMIN, 2008, p. 174).

Benjamin, ao abordar sobre o francês Eugene Atget, um dos fotógrafos mais importantes para história, explica que Atget passa a desvincular a fotografia do ser humano e direcioná-la à paisagem, transformando a fotografia em “autos no processo da história” (BENJAMIN, 2008, p. 174). Ao utilizar o termo “auto”, nota-se um significado dado à fotografia de documentação oficial. Compreende-se que na pesquisa a respeito de fotografias, conquista-se memórias que a realidade atual da paisagem urbana já não tem mais alcance, chegando até a perder a certeza do que de fato já existiu em um local específico, já que seus traços do passado, tão marcantes, já se dissiparam, dando espaço ao que enxergamos hoje no presente. A documentação da imagem da cidade orienta o olhar do pesquisador de forma decisiva, no sentido de se confirmar a biografia do espaço em determinada época.

No presente trabalho foi apresentado a comparação das imagens do Álbum do Maranhão de 1950, elaborado pelo jornalista Miécio Jorge, e a releitura dessas fotografias, produzidas pela autora no ano de 2020. No aporte documental tratado no presente trabalho, além do Álbum do Maranhão de 1950, foram apresentados outros álbuns de fotografia anteriores a este.

Além disso, estabeleceu-se uma comparação da malha urbana de São Luís de 1950 – produzido pelo desenhista Janai Silva, também presente no Álbum de 50 – com um mapa da cidade em 2020 produzido pela autora, obedecendo os limites apresentados no mapa antigo. A comparação tem o intuito de compreender as transformações desses dois momentos pontuais dentro da linha do tempo de evolução da cidade de São Luís.

A teoria de Gordon Cullen sustentou as classificações dadas às fotografias selecionadas. Já o uso da teoria de Kevin Lynch buscou compreender a malha urbana com base no que popularmente conhecemos como os ‘cinco pontos de Kevin Lynch’.

A comparação entre os mapas de 1950 e 2020 mostra a orientação da expansão da malha urbana a partir dos ideais políticos envolvidos, que pretendiam modernizar São Luís sem, entretanto, preocupar-se com a preservação do seu

patrimônio colonial. A exemplo do traçado em diagonal da Avenida Magalhães de Almeida que se impôs à malha urbana ortogonal da cidade, demolido algumas construções históricas e ocupando a avenida com prédios modernos. Naquele momento não se levava em consideração o valor histórico daquelas edificações e não havia políticas de conservação patrimonial.

Por fim, a comparação das figuras trouxe muitas questões que se mostraram presentes ao longo da pesquisa, resgatando os questionamentos abordados na introdução. **O primeiro questionamento trata de quais são as mudanças na paisagem.** A primeira delas trata da inserção da tipologia de arquiteturas modernas e art déco na cidade. Com toda a evolução da arquitetura moderna no Brasil, é a partir do final da década de 30, com a construção da sede dos Correios e Telégrafos, que São Luís recebe os primeiros indícios de uma modernização. Com as grandes construções como o Palácio do Comércio em 1943, o 24º Batalhão Militar entre 1937 e 1941 e posteriormente a construção do BEM inaugurado no início da década de 70, a cidade se insere em uma tentativa de se compreender moderna.

O segundo e terceiro questionamentos tratam respectivamente de compreender se houve mudanças no urbanismo e que novas edificações chegaram após a década de 50. É com a criação de planos urbanos que São Luís rompe o ideário de substituição da arquitetura colonial pela moderna e passa a compreender a modernidade de forma a expandir seu território, dando continuidade à sua malha urbana com os novos conceitos de grandes vias e conexões. É notório, quando se analisa o *skyline* da cidade, a monumentalidade que se expande em São Luís à medida que a arquitetura moderna é inserida no contexto.

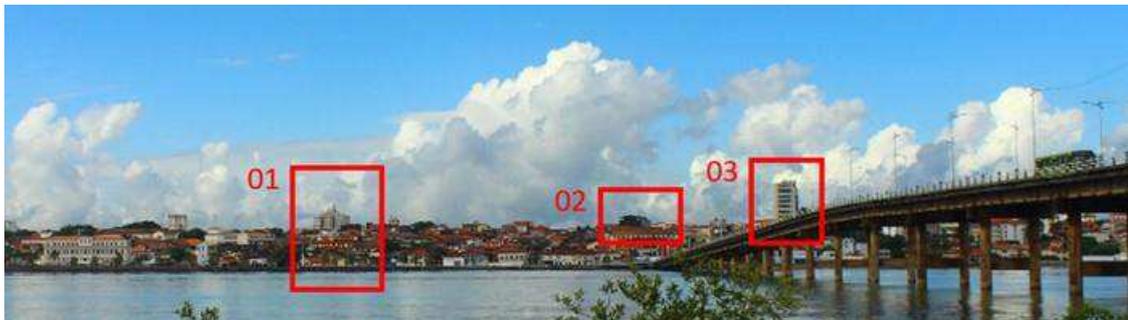
Antes da década de 50 os grandes monumentos da cidade concentravam-se por completo na Praça Pedro II, em seus prédios de poder político e religioso. Após esse momento muitas foram as novas arquiteturas que modificaram a paisagem. Nas imagens abaixo, podemos observar o Edifício Caiçara (figura 67A), o Condomínio Centro Comercial de São Luís (ou Edifício Colonial) (figura 67B) e o prédio do BEM (figura 67C) que compõe o atual *skyline* da cidade histórica vista do Bairro do São Francisco (figura 68).

Figura 67 - (A) Edifício Caiçara; (B) Condomínio Centro Comercial de São Luís; (C) Prédio do BEM



Fonte: Fonte: Google Earth

Figura 68 – Vista atual do centro de São Luís a partir do bairro do São Francisco



Fonte: Produzido pela autora, em 2020

Outras edificações como o Edifício João Goulart e o Banco da Amazônia na Avenida Pedro II; o Edifício SULACAP na Rua de Nazaré; o Ministério da Fazenda no encontro da Rua Oswaldo Cruz com a Avenida Getúlio Vargas; a residência de Cleon Furtado na Avenida Beira-Mar e muitas outras edificações mostram a variedade de arquiteturas de traços modernos que ocupam a cidade.

É após esse momento que se observarmos por uma perspectiva geral atualmente, podemos compreender um patrimônio histórico que não mais se trata apenas de um acervo colonial. Com a evolução da cidade, São Luís passa a conciliar edificações modernas com o patrimônio histórico da cidade. São Luís não se caracteriza mais apenas por seus traços portugueses e arquiteturas colonizadoras. Agora, a cidade possui seu acervo brasileiro, que afirma a personalidade da cidade

possuindo construções que marcam o processo de modificação da arquitetura. O centro histórico da cidade, também é moderno, dando a São Luís essa singularidade.

O último fator questionado no início desse trabalho foi se as edificações apresentadas ainda cumprem suas funções sociais ou têm novas funções. Através da comparação das imagens de 1950 e 2020 podemos compreender a renovação da função social de algumas edificações ou a permanência dessa função em outras. Observou-se que as edificações de poder – a exemplo do Fórum de Justiça, 24º Batalhão Militar e Palácio dos Leões – tendem a se manter com a mesma função social e, conseqüentemente, apresentam-se em melhor estado de conservação. Concluímos, portanto, nesse caso, que os prédios que se mantêm com a mesma função social tendem a ser mais preservados na medida em que há uma continuidade dessa função.

Enquanto as arquiteturas de poder, prédios de grande porte, são preservadas, construções de menor porte são radicalmente modificadas ou mesmo demolidas; conclui-se que há uma questão maior de zelo pelo patrimônio quando se trata das grandes edificações, enquanto as de pequeno porte não recebem o mesmo olhar de importância arquitetônica. Se essa observação de fato contém uma lógica técnica é incerto, mas a observação da imagem não contradiz o pensamento.

Podemos entender a importância que se tem ao questionar a imagem do passado e quantas respostas podemos absorver com a análise e comparação da fotografia. É olhando para o passado que se compreende o futuro; seja por antigos planos urbanos, seja pela arquitetura ou pela paisagem urbana, o entendimento da cidade vai além da sua forma física, ela é representada também pelo cenário da época sendo ele de questões políticas, econômicas e sociais. Dar a devida importância a acervos da fotografia documental se torna necessário para afirmar a memória da paisagem urbana, que sofre modificações constantes a partir do momento em que a sociedade se vê na necessidade de novas transformações.

REFERÊNCIAS

ADAM, Roberto. Analisando o conceito de paisagem Urbana de Gordon Cullen. **Arquitechne**, 15 jun. 2008. Disponível em: <https://arquitechne.com/analizando-o-conceito-de-paisagem-urbana-de-gordon-cullen/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ANDRÈS, Luiz Phelipe de Carvalho Castro. **Reabilitação do centro histórico de São Luís**: análise crítica do Programa de Preservação e Revitalização do Centro Histórico de São Luís/PPRCHSL, sob o enfoque da conservação urbana integrada. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

AZOBEL, Uziel. **Resumo biográfico de Dreyfus Azoubel**. 2017. Mimeo.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense, 2008.

BOTELHO, John. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Editora Fort Gráfica, 2008. v. 1.

BURNNET, Frederico Lago. **Urbanização e desenvolvimento sustentável**: a sustentabilidade dos tipos de urbanização em São Luís do Maranhão. São Luís: Editora da UEMA, 2006.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CLEVIEGAS. Itapoã vai entregar: a ponte de São Francisco. **Jornal do Maranhão**, São Luís, n. 3828, 11 jan. 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=112135&pagfis=4688>. Acesso em: 22 ago. 2020.

COSTA, Marcelo Lima. José Octacílio Saboya Ribeiro: o saber urbanístico e as propostas de reestruturação de São Luís do Maranhão durante a Era Vargas. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 1, p. 153-168, 2015.

COSTA, Marcelo Lima. **O projeto de modernização de São Luís nos anos de Paulo Ramos 1936 – 1945**. 2016. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edição 70, 2018. *E-book*.

ESPÍRITO SANTO, José Marcelo (org.). **São Luís**: uma leitura da cidade. São Luís: Prefeitura de São Luís / Instituto de Pesquisa e Planificação da Cidade, 2006. Disponível em: https://www.agenciasaoluis.com.br/midias/anexos/1847_parte1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

FEITOSA, Rodrigo Miranda; PFLUEGER, Grete Soares. O Racionalismo Europeu: art déco e ecletismo, na construção da Avenida Magalhães de Almeida. *In*:

SEMINÁRIO DO COMONO, 2., 2008, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

FONSECA NETO, Hermes da. **Potencial de integração de uma área periférica ao centro histórico o caso do Aterro do Bacanga em São Luís-MA. São Luís, 2002.** 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2003.

GARRIDO, Rosilan Mota. Hotel Central: o moderno na Praça Pedro II - Núcleo Fundacional da Cidade de São Luís. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, v. 1, n. 2, p. 84-99, 2018.

HOLANDA, Felipe de. A economia maranhense e os desafios de 2011. **O Imparcial**, São Luís, p. 10, 2 jan. 2011.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

JORGE, Miécio (org.). **Álbum do Maranhão, 1950.** São Luís: [s. n.], 1950.

LOPES, José Antônio Viana. **São Luís, Capital Moderna e Cidade Colonial:** Antônio Lopes da Cunha e a preservação do patrimônio cultural ludovicense. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MARANHÃO ilustrado. São Luiz: Imp. da Typ da Alfaiataria Teixeira, 1899.
Facebook: CAZUMBÁ DA ILHA. Disponível em:
<https://www.facebook.com/Cazumb%C3%A1-da-Ilha-822648941131064/photos/a.1011367852259171/1011367865592503>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MARTINS, Samarthy. O Zeppelin passou por São Luís há 88 anos. **O Imparcial**, São Luís, 27 maio 2019. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2019/05/o-zeppelin-passou-por-sao-luis-ha-88-anos/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MESQUITA, Ruy Ribeiro. **Plano de expansão da cidade de São Luís.** São Luís: DER-MA, 1958. Disponível em:
<http://www.jobim.org/lucio/bitstream/handle/2010.3/3596/IX%20A%2001-03327%20L.pdf?sequence=3>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MINHA VELHA SÃO LUÍS. Dirigível estadunidense em São Luís durante a 2ª Guerra Mundial (1944). São Luís, 9 ago. 2015. Facebook:
<https://www.facebook.com/MinhaVelhaSaoLuis/>. Disponível em:
<https://www.facebook.com/MinhaVelhaSaoLuis/photos/dirig%C3%ADvel-estadunidense-em-s%C3%A3o-lu%C3%ADs-durante-a-2%C2%BA-guerra-mundial-1944os-dirig%C3%ADvei/748689161927013/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PFLUEGER, Grete; FURTADO, Livia. As imagens do moderno em São Luís pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950. **Revista Amazônia Moderna**, Palmas, n. 1, p. 68-83, abr./set. 2017.

PRADO, Barbara Irene Wasinski. Charles Thays na formação urbana de São Luís: a ilheidade de São Luís a partir da Praça Pedro II. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 24, p. 69-80, 2007.

PRIMEIRAS excursões para o interior a serviço do “Album do Maranhão”. **Pacotilha – O Globo**, São Luís, n. 113, 22 maio 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123846&pasta=ano%20195&p-esq=&pagfis=454>. Acesso em: 10 ago. 2020.

RECEBIDA com interesse a notícia da próxima publicação do álbum do Maranhão. **Pacotilha – O Globo**, São Luís, n. 108, 15 maio 1950. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123846&pasta=ano%20195&p-esq=&pagfis=434>. Acesso em: 10 ago. 2020.

RECORDAÇÃO do Maranhão (Brasil). [São Luiz]: Gaspar Teixeira & Irmãos, [1923].

RIBEIRO, Francarlos Diniz. **Memória e história no bairro do João Paulo (1940 a 1989)**: economia, sociedade e cultura. 2007. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2007.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro uma história de contrastes. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 19-53, maio 2015.

SÁ NETO, Oton Gonçalves de. **Arquitetura e Urbanismo pós 1950**: episódios do processo de urbanização modernista em São Luís. 2019. 132 f. Monografia (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2019.

SANTOS, Paulo Ferreira. **Formação de cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

SÃO LUÍS. Prefeitura Municipal. **São Luís em dados**: PPA 2014-2017. São Luís: Instituto da Cidade, 2013.

SÃO LUÍS: Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. Sevilla: Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2008. Bilingue.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. São Paulo: EDUSP, 1999.

SERÁ lançado, até o fim da semana o Album do Maranhão. **Pacotilha – O Globo**, São Luís, n. 184, 11 agosto 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=123846&pasta=ano%20195&p-esq=&pagfis=2297>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA FILHO, José Oliveira da; MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Álbum recordação do Maranhão**: a Tipogravura Texeira e os primórdios da fotografia impressa no Brasil. São Luís: EntreCapas Edições, 2019.

TER, Waldemar. São Luís é patrimônio do mundo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 5 dez. 1997.

VOCÊ conhece a história da Avenida Beira-Mar? Dá uma olhada nessa Thread que a gente conta. São Luís, 29 fev. 2020. Twitter: @oestado. Disponível em: <https://twitter.com/oestadoma/status/1233777325369700353>. Acesso em: 20 ago. 2020.